



Ha dez anos ela apareceu no Rex — então um grande cinema lançador, rival da C. B. C., com bela programação, da Fox, U. A., 20th (primeiro os distribuidos pela segunda, depois os da primeira) e Columbia (com filmes que ficavam em cartaz duas três e quatro semanas!), numa aventura do famoso Cisco Kid de Warner Baxter — “Sob o luar dos Pampas”. Era ainda a Rita Cansino, pouco conhecida, porem, já muito bonita. Isso, entretanto, não fazia prevêr que a linda atriz que depois aparecia com Spencer Tracy em “A nave de Satan”, dançando com Gary Leon, viria a ser mais tarde, uma “estrela” de primeira grandeza no firmamento de Hollywood. De fato, essa ascensão demorou bastante, levou alguns anos. E foi preciso uma celebre *star* da constelação da Warner, no ápice da popularidade, motivar um “caso” com o seu estúdio, para a *chance* de Rita — não mais Cansino, porem Hayworth — surgir, em “Uma loura com açúcar”. Aquela *strawberry blonde* abriu-lhe as portas da fama. Veiu, depois, a Dona Sol de “Sangue e areia”, que nos mostrou quanto vale o cinema colorido para uma pequena como Rita Hayworth... Na mesma época, Orson Welles vencia da noite para o dia, com o seu “Citizen Kane”. Hoje, casados, ele não é mais o cineasta revolucionario, enquanto Rita cada vez sobe mais.

“Modelos”, “O coração de uma cidade”, “Gilda” onde tem um *dramatic role*... (FOTOS COLUMBIA).

P. R.



TEATRÁLICES

Zilka Salaberry, Lourdes Mayer e Alair Nazareth são irmãs, filhas de Luiza Nazareth. Zilka é casada com Mario Salaberry, Lourdes, com Rodolfo Mayer e Alair é noiva de Oswaldo Louzada. Uma grande família de artistas.

Zilka, atualmente, não está trabalhando. Lourdes atua na Rádio-Tupí e Alair Nazareth, depois de permanecer alguns dias, na PRG-3, vem de estreiar no Teatro Serrador, na peça "Grande Mulher". Mario Salaberry está no Serrador, depois de rápida passagem pela Tupí, onde também se encontra Oswaldo Louzada. Rodolfo Mayer continua na Nacional, como figura de primeiro plano e Luiza Nazareth é a D. Mariquinhas, já famosa, da "Sequencia G-3".



Hulda de Rezende, depois de tentar fazer carreira no rádio-teatro, tendo atuado algumas vezes ao microfone da Nacional e, depois, da Globo, acaba de ingressar no teatro cênico com êxito marcante. Depois de surpreender na interpretação de um papel destacado na peça "O Costa do Castelo Hulda de Rezende está agora vivendo, na peça "Grande marido", outro papel cheio de dificuldades, onde tem ensejo de demonstrar possuir grandes recursos como comediantes. Bela aquisição para o teatro declamado!...

A CENA TEATRAL

OUTRAS FAMILIAS DE ARTISTAS

A família Nazareth, como viram, dava para formar um elenco. Há, porém, outras famílias trabalhando no teatro. Nelma Cora e Alvaro Costa, três elementos bastante conhecidos, todos atuando no Gloria, são: filha, mãe e pai respectivamente. Isa Rodrigues, a garota que começou no teatro com sete anos de idade, atualmente fazendo as ingenuas no elenco de Alda Garrido, é galho de outra família de artistas muito conhecida: Benito, Alzira, Isa e Paulo Rodrigues. Os dois primeiros, pai e mãe, e os dois últimos, filha e filho.

"TRUNFO É ESPADAS", NO JOÃO CAETANO

A revista que ocupa o cartaz do Teatro João Caetano, atualmente, assinada pelo Sr. Joaquim Maia, não é das melhores. Nem mesmo regular... Com a classificação feita pelo próprio autor de "revista cem por cento política", ela nos mostra, na sequência de seus numerosos quadros, uma série de "charges" políticas, repisando, em grande parte, assunto já explorado largamente noutras "revistas" ou mesmo na imprensa. Seria preferível que "Trunfo é espadas" fosse menos política e um pouco mais "revista" propriamente dita. A "charge" política, mesmo bem feita, cansa. Devia o autor, ao invés de explorar esse assunto em quasi todos os quadros, intercalá-lo entre outros quadros de assuntos diversos, parcimoniosamente. As figuras em evidência na atual campanha política pela sucessão presidencial, são mostradas em cena, no João Caetano, nem sempre bem caracterizadas pelos interpretes. A figura principal por exemplo, é explorada desde o primeiro ao ultimo quadro e representada caricaturalmente por quasi todos os elementos do naipe masculino daquele elenco. Há mesmo em certa cena em que ela aparece triplicada em cena, ou melhor: três vezes representada. Noutras cenas vemos-la fantasiada de Príncipe, de Satanaz, de Anjo e até mesmo metido na pele de D. Pedro I para explorar a exploradíssima "charge" do "Fico".

Nas cenas políticas, onde o personagem é figura de primeiro plano, o autor demonstra a sua intenção de propaganda, envolvendo a figura central com um elo de simpatia e cobrindo de ridículo os outros dois candidatos. Haja vista a charge intitulada "Branca de Neve e os sete anões" onde vemos o Presidente Vargas, caricaturado desta vez por Vicente Marchelli, despertar a Democracia adormecida. Isso tudo enquanto os dois candidatos, boquiabertos, assistem á cena com atitudes ridículas. No dia em que fomos assistir ao espetáculo, a claqué lá estava distribuída pela platéia para aplaudir barulhentosamente os finais de quadro, quando o principal personagem fantasiado com o manto branco da virtude, arrasa com os seus argumentos, o seu charuto e a sua gargalhada típica, as pretensões dos dois candidatos.

Cem por cento política, como de fato é, com "charges" pouco convincentes e, a maior parte, já bastante exploradas, a "revista" corre monótona. O público só se anima quando Mary Lincoln, abrindo uma clareira naquele profunda matagal, aparece para nos deliciar com a sua interessante figura e a sua voz magnífica, em bonitas interpretações musicais. Também alguns bailados servem para quebrar a monotonia e nos demonstrar a competência de Andréa Mariuza, quer como coreógrafa, nas marcações, quer como bailarina. Apreciamos muito seu trabalho em "Recordando o Hawai" e "História sem palavras".

Walter d'Avila e Colé formam uma dupla cômica de primeira linha. Está, porém, mal aproveitada. Os dois artistas cômicos não encontram em "Trunfo é espadas" elementos para mostrar a veia cômica que possuem. Fazem o que podem e sabe Deus como. De tudo, entretanto, escapam os cenários e o guarda roupa. Também a apoteose final é de bonito efeito. Mas, seria muito melhor se a revista do Sr. Joaquim Maia tivesse um pouco mais de "feérie" e comicidade, sem lançar mão tão frequentemente da política, que, nesta altura, já não impressiona ninguém.

"A FAMÍLIA BARRETT", NO FÊNIX

A famosa peça de Rudolf Besier, "A família Barrett", que conta o romance de Miss Bá (Elisabeth Barrett) e Browning, os dois poetas da primeira metade do século passado, foi representada pelo elenco da Sociedade Amigos do Teatro, no Fenix, com enorme sucesso. Acreditamos ser esta a peça de maior êxito já encenada por aquele elenco, conhecido pelo "Teatro das Segundas-Feiras". A história de "A família Barrett", muito conhecida, pois já foi até adaptada para cinema, oferece ensejo ao ator Nelson Vaz de apresentar ao público uma interpretação magnífica, vivendo com impressionante realidade o papel de Edward Barrett, o homem que, dominado por complexos freudianos, sente-se inclinado para a filha por um amor demasiadamente vivo. Nelson Vaz, que é ainda novo no teatro, foi um excelente interprete dessa terrível personagem, impressionando a platéia de forma completa. Na protagonista, a doce e suave Miss Bá, assistimos um trabalho convincente de Maria Sampaio, digno de elogios irrestritos. Em Henriette vimos Stella Perry, elemento de destaque no amadorismo teatral da cidade, mostrando uma bonita figura em cena, mas prejudicando bastante a interpretação em virtude de sua maneira de agir, com alguma afetação na gesticulação. Deixa a impressão de que seus gestos são estudados, medidos, sem naturalidade. Merece elogios, entretanto, os vestidos apresentados. Elegantes e bonitos. Waxita Brasil, outro elemento novo no teatro, deu-nos uma Arabel a contento. Soube viver com perfeição a cena dramática do penúltimo ato, aliás bastante difícil e perigosa. Outro elemento que merece elogios é ativo Diniz no Octavio. Marcou bem a sua passagem em cena. A surpresa da noite porém, foi, sem dúvida, Eugenia Levy na representação da ingenua Bela Hudley. A ex-garota do Teatro Infantil, bastante bonita e com grande personalidade, portou-se admiravelmente em cena. Tem desembaraço, sabe falar esabe, sobretudo, seduzir a platéia com a vivacidade de seu espírito. Eis um ótimo elemento para o nosso teatro! Rodolfo Arena agiu a contendo no Browning, uma personagem importante na história da "A família Barrett". Ator de recursos, não teve dificuldade em viver aquele personagem. O ator que representou o Capitão deve ser substituído nos próximos espetáculos da Sociedade Amigos do Teatro. Não convenceu absolutamente. Mostrou-se exageradamente tímido e excessivamente juvenil.

Cenários bonito e guarda-roupa a rigor.

Não percam esta peça os que apreciam o bom teatro.

SERGIO PEIXOTO.



HOJE
Cine **SÃO CARLOS**

A. AMORIM & FILHOS

RUA ALCINDO GUANABARA, 21

OS FILHOS MANDAM

(LOS CHICOS CRECEN) *com*

★ PEPITA SERRADOR
★ GARCIA BURH
★ MARIA DUVAL ★

★ ATINGE O CORAÇÃO DE TODOS QUE JÁ AMARAM UMA VEZ! ★

...e ainda a bomba atômica do cinema!

O MISTÉRIO de M^{ME} BEATRICE

ÚNICO FILME DO MUNDO EM QUE OS ARTISTAS DA TELA FALAM COM A PLATEIA!

COMPLEMENTO NACIONAL



ASTROS E MICROFONES



WALTER LAMBERT, veio diretamente para a Rádio Nacional, conseguindo impor-se a admiração de um punhado de senfilistas, daí o sucesso de sua atuação ao microfone E-8.

"SHORT" RADIOFONICO...

VOLTA a baila a velha questão de arrecadação do chamado direito autoral, surgindo na arena a veterana SBAT e a jovem UBC...

A primeira, após algumas reuniões de graduados, resolveu passar à última o encargo de recolher os direitos de nossos compositores, ainda hoje vítimas da cobrança.

Segundo o que ficou resolvido, aliás sem terem sido consultadas as partes interessadas, a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, dedicar-se-á a recolher os direitos de nossos teatrólogos, cabendo à União Brasileira de Compositores zelar pelos direitos dos autores de nossas composições.

Mas, acontece que algumas vozes estão se levantando contra a medida posta em prática, e entre elas a de Orestes Barbosa, figura respeitável no meio. Acha o autor de "Dona da minha vontade", que o acôrdo foi feito no escuro, daí a invalidade do mesmo.

Que resultará de tudo isso?

PARECE estar existindo verdadeira carência de títulos para programas, tamanha é a semelhança observada... Hoje, uma "peérre" manda para o ar o programa tal... Amanhã, com o mesmo nome, outra emissora, apresenta idêntico cartaz... Semelhança? Casualidade? Distração? Ignorância? A coisa assim não vai muito boa, sendo bem provável que daqui a alguns dias, os funcionários do serviço de registro de títulos, tenham o trabalho aumentado, pois as vítimas das distrações alheias, passarão a cuidar melhor de suas descobertas...

PEDRO VARGAS está de malas prontas para retornar ao seu torrão natal, após brilhante atuação na capital platina. Enquanto isso, Elvira Rios, prossegue cantando ao microfone de uma "peérre" cubana, tendo a acompanhá-la o compositor e pianista Alvarito.

Também Juan Arvizú, acaba de ser contratado para cantar numa estação venezuelana.

JORGE MURAD parece que não se deu bem com o retorno do Sr. Ovidio Grotera à direção da G-3. E' que o popular turco, acaba de se transferir para a E-8, o mesmo acontecendo com Ademilde Fonseca e Neuza Maria.

TEIXEIRA PINTO, que vocês conhecem como interessante radiador, fez sua estréia como escritor de novelas, assinando um role que a emissora de Gagliano Neto está apresentando. Também Paulo Gracindo vem de lançar um novo *broadcast* intitulado "Tribunal Infernal".

ORTIZ TIRADO, voz apreciadíssima do público brasileiro, tão logo encerre sua temporada no Panamá, embarcará para o Brasil, sendo provável sua presença nos programas de estúdio da Globo.

SAGRAMOR DE SCUVERO já regressou ao país, retornando às suas atividades ao microfone da PRE-3, no horário que sempre a ouviamos na emissora do Sr. Edmar Machado. A conhecida intelectual bandeirante pretende lançar novos *broadcasts*, graças ao muito que observou no país de Uncle Sam, inclusive radiofonizações de biografias.

Enquanto isto, Celso Guimarães, outro viajante ilustre de retôrno à sua terra, declarou-nos não existir novidades no *broadcasting* yankee, sendo as ideias as mesmas, embora aproveitadas com maior inteligência. O que de novo êle observou, foram coisas técnicas que serão introduzidas na estação da qual é artista exclusivo.

FIM DE DOMINGO RADIOFONICO

Ataxerxes descançou as pantufas de pelica, acendeu o velho cachimbo, escondeu a obesidade debaixo dos lençois e ligou o veterano receptou, colocou à mesinha de cabeceira, na doce esperança de ressonar ao embalo de alguma página literária lida naquele sabor romanesco de certos locutores... O silêncio profundo reinante no espaçoso quarto de Ataxerxes, foi quebrado violentamente por um acesso de cólera do galã de uma dessas novelas, causando verdadeiro sobressalto na enxundiosa criatura, pouco avessa a êsses dramas radiofônicos, repletos de tiros, e gritos e mortes... Ele, naquela calma própria das pessoas gordas, fez girar o "dial", persuadido de encontrar coisa melhor, indo parar numa "peérre" onde o disco chiava voltuosamente, abafando a voz do cantor... Mais uma vez teve de bater em retirada, à procura de um número agradável, esbarrando porém com a voz de um locutor pernóstico a solfejaz uma crônica vulgar... Sem perder a dose excessiva de boa vontade, Ataxerxes deu mais uma rotação ao "dial", assustando-se com a voz de um baixo, na interpretação de qualquer coisa fúnebre... Ele, aluno premiado de uma escola de bel-canto jamais imaginara de encontrar nas ondas hertzianas um fulano capaz de liquidar qualquer cristão com seus ferocíssimos trinados... Mais, uma vez, ei-lo sondando o confiante na descoberta de um número agradável. Mas, oh! flagelo dos deuses, Ataxerxes foi cair mesmo naquela audição indigesta do programa de calouros, em que as pequenas analfabetas, abusando dos

remeleixos e dos gingados, deitam para cima do infeliz microfone, os versos deturpados de alguma composição. Trabalha o gongo. Entra em função o auditório, gozando o fracasso da Venus de ébano. E Ataxerxes empreende mais uma fuga. Agora é um programa de distribuição de mariolas, notas de cinco cruzeiros, flôres da Praça Olavo Bilac, e outras farturas. O animador do mesmo, empenha-se para trazer os frequentadores em constante hilaridade, usando para isso de velhas piadas almanaquianas, realizando casamentos de alvos com escurinhas, fazendo trocadilhos indigestos e cantando paródias... Nem um número que desperte atenção. Tudo banal. Banalíssimo.

Ataxerxes enfureceu-se. Calçou-as pantufas... Apagou o cachimbo... Desligou o aparelho... Deu um puxão no telefone... Preparou-se para fazer uma ligação, quando este tilintou

— Alô.

— Vale prata?

— Hein?

— Vale prata?

— Hein?

— O senhor perdeu os vinte cruzeiros do programa...

Era uma vez o telefone... Aconteceu com o aparelho de rádio...

Assim é o rádio aos domingos.

A. M.



Mesmo se dedicando a música popular brasileira, nem por isso a "estrelinha" do rádio bandeirante deixa de se interessar pela música de classe, razão porque não deve causar espécie sua presença na bilheteria do Teatro Municipal.

Ao contrario de muito de seus colegas, Isaurinha se sente feliz em atender os telefonemas de seus "fans" que, no seu entender, representam o tudo de sua carreira artistica.

A ASCENSÃO DE UMA "ESTRÊLA" E O ÊXITO DE UMA CARREIRA ARTÍSTICA — MANTENDO-SE NA MESMA ESTAÇÃO ONDE CANTOU PELA PRIMEIRA VEZ

Reportagem de ARMANDO MIGUEIS

Fotografias de NEWTON VIANA

ISAURINHA GARCIA, essa voz tropicalíssima do *broadcasting* paulista, que uma vez por ano é dado aos cariocas apreciar numa das nossas emissoras, apesar do grande cartaz de que é possuidora, nem por isso se deixa levar por essa conversa mole de "importância", conforme o fazem muitos de seus colegas de profissão. Nada disso. A interessante intérprete de "Duas mulheres e um homem", deixando de lado essas futilidades, é francamente da massa, atendendo a todos os seus *fans* com a mesma solicitude, com que palestra com os maiores da radiofônia. Ela mesma confessa ser o seu ponto fraco, o receber telefonemas daqueles que a prestigiam com a sua admiração, assim como também, jamais deixou de responder a uma só carta

das muitas que recebe, porque vê no público-ouvinte a razão de ser do seu ingresso no sem fio e o prestígio de que desfruta no mesmo.

Simplíssima na maneira de conversar, Isaurinha não procura fazer de sua própria pessoa, um mito da radiofônia nacional. Muito ao contrário. Ela divide com quantos integram a enorme família radialista, parte de seus triunfos, lembrando sempre que o compositor e os músicos que a acompanham, não devem ser esquecidos. Eles têm sua parcela no êxito ou no fracasso de uma audição, pois ali estão como responsáveis diretos. E, cita mesmo o nome de vários compositores que a auxiliaram a conquistar o carcaz que possui, graças às melodias que escreveram. Lembra-nos mesmo que "Aperto de mão", "Sorriso do Paulinho"



ISAURINHA GARCIA É DO SAMBA!



Duas mulheres e um homem", constituíram o record de sua carreira artística. Foram esses três sambas os verdadeiros agentes de publicidade de sua voz bonita. Foi com eles que a popularidade de Isaurinha atingiu o *climax* animando as fábricas de gravações a incluírem-na como número obrigatório.

Ainda agora, Isaurinha Garcia está de passagem pela Cidade Maravilhosa. Vem matar a saudade dos *fans*, arranjar novos números para o seu escolhido repertório e preparar uma série de gravações para o carnaval que se aproxima. E, enquanto descansa, carrega pedra... Isto é, realiza uma temporada ao microfone da "peérre" de Cesar Leideira, além de tomar parte no *show* de uma das *boites*, elegantes



A "estrêla" da Record, nasceu ali mesmo na capital bandeirante. Numa rua chamada Alegria, embora não fosse lá muito alegre... Nessa mesma rua foi que Isaurinha começou a demonstrar seus pendores para o canto, interpretando com sua voz infantil, um punhado de sambas. Daí, motivado por uma preta velha, chamada Cecília, a garota foi parar frente o microfone de sua estação atual, durante uma das muitas audições de um programa de calouros, dirigido por Otávio Gabus Mendes e Lauro Dávila.

Muito viva, a garota despertou logo a atenção dos dois "radio-men". Principalmente quando com bastante espontaneidade, anunciou o número que iria interpretar, caso o gongo não fizesse uma das dele e sua voz fosse mesmo boa de verdade, conforme propagava a vizinhança. A música escolhida foi o samba "camisa listada". E, o resultado foi o melhor possível, basta dizer que a novel cantora se viu obrigada a bisar-lo, afim de atender aos aplausos do auditório. Descoberta a pinta de cantora, Isaurinha começou a ser assediada pelas emisoras bandeirantes, inclusive a própria Record que lhe ofereceu uma vantajosa proposta, a qual mereceu as primícias de sua assinatura, pois foi essa estação quem lhe abriu a porta de acesso para o rádio.



Nesse amontoado de roupas, Isaurinha procura alguma coisa... Uma peça íntima? Um vestido? Só ela mesmo poderá responder tamanha é a sua preocupação.

Depois de um dia atarefado, uma "soirée" elegante aguarda a presença da feliz cantora de sambas, marchas, "foxes" e boleros. Como prestimosa auxiliar, vemos a costureira arrumando o bonito vestido.

Ah! os bichanos. São eleitos amigos inseparáveis de Isaurinha Garcia que, na sua vivenda de São Paulo, possui uma coleção, além de papagaios cachorros, canários e outros.





Sua permanência nessa "peérre", consolidou-se de maneira tal, que ainda hoje lá se encontra, apesar da série de ofertas recebidas de parte da maioria de estações. Até mesmo da Cidade Maravilhosa, Isaurinha Garcia já teve tentadores contratos, porém sempre os rejeitou, porque sendo francamente da família, ela prefere continuar na terra da garôa, ao lado de sua mãesinha.

Mas, quando lhe sobra um momento de folga, a "estrela" do rádio bandeirante não se esquece de dar um pulinho ao Rio, onde possui bons amigos e uma infinidade de fans. E, nessas oportunidades, eis o empenho das "peéres", cariocas para apresentá-la. Também os cassinos não se descuidam de sua presença, oferecendo-lhe somas compensadores para que se exhiba nos shows.

Daqui, Isaurinha rumo para a terra mineira, onde também os montanheseiros lhe dispensam grande estima, a ponto da *boite* local a contratar sem mais delongas.

Graças a essas excursões, sua presença já se faz sentir na programação de estúdio da *Mairink* Veiga e da Nacional; no show dos nossos cassinos nas audições da Inconfidência e nos espetáculos de Pampulha; nos "broadcasts" da Radio Club de Santos e no grill de Guajurá, cantando sambas, marchas, foxes e boleros.

E, por falar em música, os maiores êxitos de Isaurinha Garcia, quer na cêra quer no microfone, foram conquistados com essa me-

Nada de "poses" estudadas. Ela é da massa, tanto assim que gosta de bater papo com a turma do hotel. Aqui, vemo-la na portaria, conversando com o encarregado da mesma.



lodia gostosa que é o samba, do qual ela pode ser considerada uma de suas grandes intérpretes, não lhe faltando material de voz nem bossa para apresen-a-lo. "A baratinha" e "Chega de tanto amor", bastam para atestar nossa afirmativa.

O carnaval que se aproxima, contará com o prestígio de Isaurinha através de um punhado de melodias que ela vem de gravar, e que na certa formarão na liderança dos números de maior sucesso. Para começar "Camilo", de Wilson Batista, "Duro, nêga", de Herivelto Martins, "Mulher de Malandro", de Hervê Cordovil, "Quando um sambista morre", desse mesmo autor. Também do popularíssimo Gadê, ha muito afastado das lides, ela colocou na cêra "Hoje é pr'a mim", e "Velho descarado", ambos de parceria com Cristóvão de Alencar, além de regravar "Último desejo" e "Século do progresso", do saudoso Noel Rosa.

Como se vê, a menina nascida na rua Alegria, foi além das expectativas, pois embora não tendo atingido a classe dos vinte e cinco já desbancou muitas veteranas, chegando a possuir uma discografia bem numerosa, fato êsse que por si basta para atestar o brilhantismo de sua carreira artística.

Nestes dias de canícula, só mesmo um bom refrigerante pôde solucionar o problema do calor. Isaurinha, calmamente, sorve uma deliciosa laranjada.



Smill

UMA DECEPÇÃO

"Ruas que cantam" é o novo espetáculo de Chianca de Garcia para a Urca. "Féerie" bem montada, cheia de música bonita, de garotas ainda mais bonitas e rica de movimento. Enfim, um êxito como "show". No entanto, há os poréns necessários.

O primeiro reparo, é o lançamento do espetáculo, com data marcada a poucas horas da estréia. Essa precipitação, como já tive ocasião de dizer por estas mesmas páginas, é prejudicial ao próprio cassino. E não só à Urca, porque é prática corrente em todas as "boites" da cidade.

O segundo é quanto à montagem de "Ruas que cantam". Contrastando com o guarda roupa luxuoso apresentado, os cenários são ridículamente fracos e atentatórios ao bom gosto dos espectadores. E' outro ponto que precisa ser melhor cuidado pelas direções de todos os cassinos, porque em todos eles notamos a mesma coisa: falta de gosto e pobreza em cenografia.

Feitas estas observações gerais, a respeito da nova realização de Chianca, passemos a analisar "Ruas que cantam", em seus pormenores.

Inicialmente devemos dizer que houve uma indecisão momentânea na noite de estréia, entre o naipe de violinos, no primeiro quadro, o dedicado a Viena. Essa indecisão que quasi punha a perder o violinista que se apresenta no palco, chegou a causar algum riso entre os componentes da orquestra, embora o músico que no palco se encontrava, não tenha achado graça nenhuma na coisa.

E' pena, porque a música, é justamente um dos pontos fortes do novo "show".

A valsa, a barcarola, a tarantela, a coçga; o samba e o fox, comparecem ao novo espetáculo com uma encenação bem razoável e um desempenho interessante, com exceção da parte dedicada à nossa terra.

Matilde Brothers, Wladimir Irman, Lourdinha Bittencourt, Madeleine Rosay, Wilson de Andrade, Margareth Lanthos e Dick Farney, tiveram as honras da noite.

Aliás, "Ruas que cantam", oferece uma oportunidade excepcional aos amantes do "ballet", reunindo em um mesmo espetáculo, duas bailarinas do valor de Madeleine e Margareth, ambas excelentes neste trabalho.

Citei acima, a parte dedicada ao Brasil, como uma exceção. E lamentável, devo acrescentar.

Não se justifica de modo algum que um "show" cuidado, cheio de fantasias de grande aparato, música excelentemente arranjada, "girls" em profusão, dedique uma cortina ligeira ao Brasil, para trazer Alvarenga e Ranchinho, representando o espírito da rua da Carioca, a dizer piadas velhas e falar em câmbio negro e ruas esburacadas, num evidente intuito de colocar a nossa terra em plano de inferioridade, na comparação com as demais nações ali presentes pelas suas músicas.

O Brasil não é isso. Não é também Carnaval, Samba e Futebol. Temos obras musicais de valor que ali poderiam ser postas, num quadro fino, como a Urca ainda não teve ocasião de dedicar ao nosso povo, embora o tenha feito aos estrangeiros que ali vão e, forçosamente, hão de ficar mal impressionados com o desserviço que os seus "experts" estão prestando à Capital deste país.

No roteiro do "show" que tivemos oportunidade de ler, antes da estréia, Chianca ainda estava indeciso entre Linda Batista e Grande Otelo e os dois caipiras (que nada tem, artisticamente, de cariocas...). Venceram os dois últimos, talvez porque Linda e Otelo, interveem no primeiro espetáculo da noite. "Vem, a Bahia te espera". Antes um quadro carnavalesco, já com as músicas que estão aparecendo para as festas dedicadas a Momo, do que aquela verdadeira ofensa musicada que Alvarenga e Ranchinho apresentam!

Ao sairmos, Chianca recebia abraços no "grill". Num grupo, bem perto, comptava-se, o "quatro" brasileiro e alguém falou, com certo azedume:

— Bem o Chianca não entende muito disso. Não é brasileiro....

ROBERTO RUIZ



O "QUARTETO DE BRONZE", UM DOS BONS GRUPOS NACIONAIS EM ATUAÇÃO NAS NOSSAS "BOITES"



PILULAS...

Andrée Poupon, francesa e Paul Meers, americano, formam um casal de bailarinos que o Atlântico vem de conquistar, marcando um êxito incontestável. A sua dança é de um sabor todo especial. Dominam a coreografia com grande rigor técnico, imprimindo-lhe um tom excêntrico que muito agrada ao mais exigente público.

Ah! as "grils"!... A Urca tem um conjunto dos melhores. No entretanto, a maioria precisa fazer um regime para engordar. As mais novas, precisam de emagrecer...

O meio termo é tão difícil!

Paurilo Barroso está com idéias para um novo "show". Isso é que é produzir! Yolanda Varga, cada vez, mais cada vez.

E o Icaraí? E o Copacabana? Que responda a publicidade, porque as notícias são muito poucas.

Izaurinha Gracia subiu á Quitandinha. Sua voz e seu repertório, argumento bastante para um agrado integral. Foi depois á Pampulha, e novamente agradou é claro...

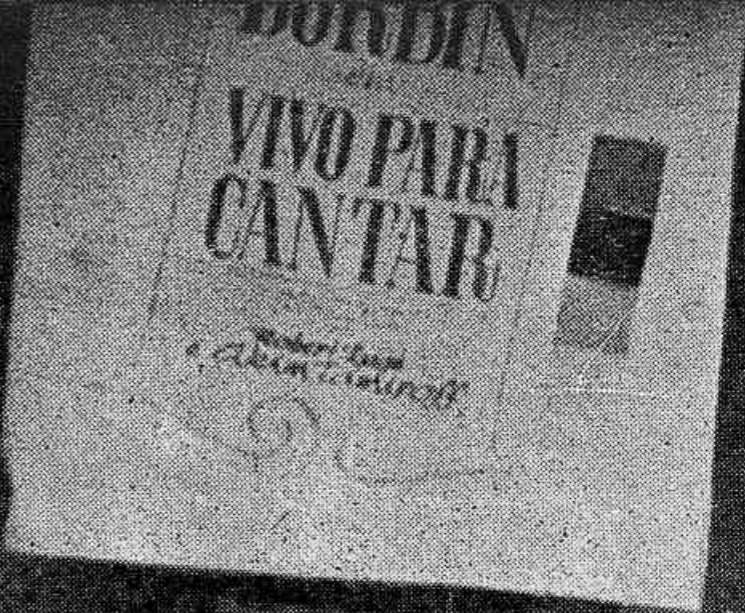
No Guarujá, grandes atividades. Miss Baby e seus músicos, Maurício Lanthos como dirigente dos "shows" (boa escolha) e Evinha Lanthos que deixou o Icaraí. Algumas realizações de vulto, estão ali sendo preparadas. O elemento artístico é bom, portanto...

Para alegria dos "fans" de Icaraí, Carmen Gonzales desistiu da sua viagem à Bahia. Continua portanto, a animar as apresentações de Jaime Redondo.

A' DIREITA: — DICK FARNEY, DA' UM REALCE ESPECIAL ÀS MELODIAS "YANKEES" QUE INTERPRETA.

A ESQUERDA: — LOURDINHA BITTENCOURT A GRACIOSA CANTORA QUE SE NOS REVELA EXCELENTE BAILARINA EM "RUAS QUE CANTAM"





Prosseguindo no interessante *enquête* em que A CENA está focalizando os chefes de publicidade das agencias cinematograficas cariocas, fazendo com que o público conheça aqueles que lhe apresentam os filmes, num trabalho que nem sempre aparece, publicamos hoje as respostas da Snra. Walda Calvert, ex-secretária de Mr. Al. Szekler, e desde 1940, responsável pelo departamento de publicidade da Universal. Foi ela quem lançou Maria Montez, Abbott & Costello, a Deanna Durbin moça, Susan na Foster, a moderna Marlene Dietrich, etc. Na terceira foto, D. Walda aparece com sua auxiliar, Carmen Sandy.

Como encara a função do publicista?

É bastante interessante quando podemos ter liberdade para executar idéias, porém, como a verba nem sempre é muito elástica, às vezes, o nosso trabalho é um tanto espinhoso.

É de opinião que a ação da publicidade cinematográfica é hoje menos efetiva e brilhante do que ontem?

Não trabalho há tanto tempo, estou no departamento de publicidade da Universal há uns 6 anos e não posso saber se antes foi mais brilhante. Acho que foi mais fácil, isto sim.

FALAM OS PUBLICISTAS



E sobre a reação do público, acha que em geral compensa o trabalho do publicista?

Se o filme é bom, a reação compensa o trabalho do publicista, entretanto, como temos que fazer publicidade, pois se deixarmos de fazê-la o público desconfiará que o filme não é grande coisa, tudo depende da qualidade do celuloide e esta o público bem depressa descobre.

Quaes os maiores impecilhos que tem encontrado para exercer as suas funções como deseja

Não tenho encontrado até hoje, nenhum impecilho, acho que todos os jornais e revistas tem tido a maior boa vontade para com a Uni-

versal, desde que exerço a minha função deste departamento. Digo até hoje, porque não sei o que vai acontecer amanhã...

De todos os filmes que lançou, qual foi o que mais satisfação lhe causou como trabalho de publicidade?

O Sr. quer saber entre todos os filme que lancei, qual o que maior satisfação me causou? Não sei dizer porque experimentei satisfação varias vezes. Talvez fosse o filme de Deanna Durbin, "Raio de Sol", ou, "As Mil e Uma Noites". Preparo, entretanto, todos os lançamentos com o mesmo carinho, e quando o publico não aplaude o filme sinto que todo o entusiasmo foi inutil, porem, tento novamente...

— E qual é o filme de lançamento mais difícil?

— O filme de lançamento mais difícil é aquele que sei de antemão que não vai agradar.

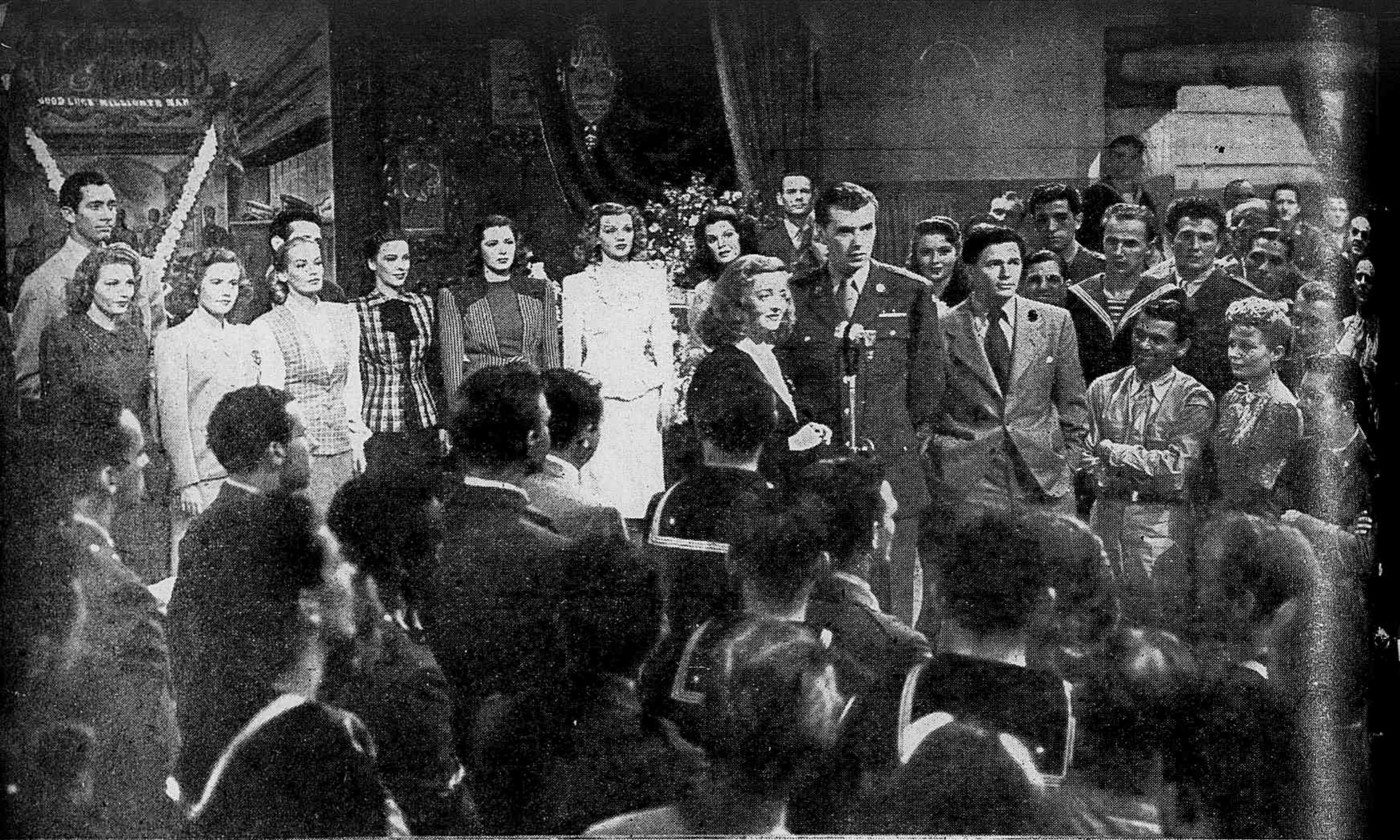
— O que considera o tipo da produção boa para lançamento?

— O filme melhor é onde há possibilidade de derrame de lágrimas...

Quaes são as suas predileções em cinema?

Gosto do Pato Donald, de Deanna Durbin, Greer Garson, Ingrid Bergman, e, em materia de filmes, aprecio um drama forte e real.





UM SONHO EM HOLLYWOOD



JÁ uma vez, no começo do cinema falado, a Warner reuniu em grande filme musical todo o seu elenco, numa "parada das maravilhas", igual ao título do celuloide. "Um sonho em Hollywood", ou melhor "Hollywood Canteen", reúne 62 "estrelas" constituindo uma autêntica "Mammouth Musical Revue". Como a outra "cantina" da tela ("Noivas de Tio Sam"), a despeito de tantas celebridades, apresenta apenas um casal principal, isto é — desta vez dois — Joan Leslie e Robert Hutton e Janis Paige e Dane Clark, dois veteranos da Nova Guiné. O argumento, que reúne comédia, dança, música e canções, foi escrito por Delmer Daves, o mesmo diretor que deu fama a Bob e Dane, em "Rumo a Toquio" e novamente dirigido por ele. Além do elenco de Burbank tomam parte o violinista Joseph Szigeti, a celebre bailarina Joan McCracken, o "rei dos cow-boys" Roy Rogers, seu cavalo "Trigger" e os populares "Sons of the Pioneers", os conhecidos Rosario e Antonio, a banda de Jimmy Dorsey, a orquestra de Carmen Cavallaro e o Golden Gate Quartet. Vemos nesta página, em cima, uma cena em que aparecem, entre outros, Zachary Scott, Julie Bishop, Joyce Reynolds, Faye Emerson, Andréa King, Eleanor Parker, Ann Sheridan (?), Bette Davis, Robert Hutton, Joan Leslie e John Garfield. Em baixo, à esquerda Dane Clark e as "Andrews Sisters", à direita, o mesmo e Ida Lupino. Na outra página, pela ordem: Victor Francen, Irene Manning, Dane e Robert; Andrea, Joan e Bob (um dos casais principais do argumento); Joan Leslie e Jonathan Hale; Joan Crawford, Dane e Bob; Barbara Stanwyck e Bob Jack Carson, Jane Wyman, Garfield e Bette.





Falando de dança com Edy Vasconcellos



— Por que se fez dançarina?

— Porque amo loucamente a arte do Ballet.

— Como se fez dançarina?

— Pelos estudos que fiz com a mestra, sra. Maria Olenewa.

— Qual foi o momento mais significativo de sua carreira?

— Quando, em 1939, vi chegar o sr. Vaslav Veitchek para, juntamente com Maria Olenewa, organizar a temporada oficial de bailados, que foi um grande sucesso. Depois, quando dancei o papel de primeira-bailarina em "Uirapurú".

— A melhor recordação?

— Quando ouvi os aplausos do público depois de dançar a "macumba", no bailado "Leilão".

— E a pior?

— Quando vi o nosso corpo de baile ficar sem direção oficial.

— Que gênero prefere dançar?

— Danças regionais e interpretações características.

— Papeis favoritos, do que tem dançado?

— "Les Deux Pigeons", "Leilão", "Banzo" e a titia em "Primeiro Baile".

— Suas predileções em Ballet?

— Coreógrafos — admiráveis todos os que já vi passar. Atualmente, um gênio: Igor Schwezoff.

— E dançarinos?

— André Eglevsky, Alexandra Danilova e Nat Stoudenmire, como perfeição e disciplina.

— Sua opinião sobre o que se tem feito de Ballet no Brasil?

— Dez anos de estudos e... luta!

— Quais os maiores empecilhos ao nosso ballet?

— Falta de cordialidade e união, entre os próprios bailarinos e de um disciplinador.

— Sua sugestão para maior popularidade da dança clássica entre nós?

— "Tournées", principalmente pelo interior do Brasil, sob auspícios oficiais.

— Que se deve fazer para firmar o bailado clássico brasileiro?

— Contratar um coreógrafo por dois ou três anos e não apenas por alguns meses. Minha sugestão: o grande mestre de baile, Igor Schwezoff.

— A que atribue o crescente interesse do público pelo Ballet?

— A' compreensão de que êle enriquece a cultura artística do país.

— Sua opinião sobre o público?

— O melhor crítico e, como já temos tido oportunidade de verificar, o melhor incentivador, com seus aplausos.

— Sua maior ambição?

— Ver o nosso Ballet em "tournées" pelo Brasil e pelo mundo todo, voltando coberto de glória.

— E os seus planos artísticos para o futuro?

— Não tenho nenhum, no momento.

★

DE JAQUES CORSEUIL

ELE é alto, trigueiro e muito simpático. No colégio consideravam-no um atleta e o tipo ideal de todas as moças. Sempre que jogava *baseball*, na Universidade de Temple, ou corria num campo de *football* e fazia determinado jogo sua personalidade de jovem atraente era notada romanticamente por suas colegas.

Queria ser advogado naquela época e seu pai tinha esperança de vê-lo algum dia metido na política. Talvez tivesse escolhido uma das duas carreiras, ou ambas, se certa e determinada pequena tivesse menos uns quatorze centímetros de altura, porém como justamente tinha a altura que de fato possuía, o rapaz em questão tornou-se hoje Barry Sullivan, o popular "astro" da tela. Este artista está hoje ocupado, fazendo o papel de galã de Dorothy Lamour, Loretta Young e Susan Hayward, e conseguindo usufruir mais vantagens nesta carreira do que poderia ter conseguido qualquer advogado ou político de suas relações.

A garota alta, cuja estatura elevada deu oportunidade a Hollywood de adquirir um novo galã, era loura e esbelta, tendo sido selecionada para interpretar o primeiro papel feminino em uma peça interpretada pela classe superior da Universidade. Como não havia nenhum rapaz que tivesse sua altura, Barry foi o escolhido. Patrick Barry Sullivan, como era então chamado, era até mais alto do que ela, razão porque convenceram-no de que deveria estudar um pouco a arte dramática para atuar com a pequena.

A estréia que fez como ator em *Holiday*, na festa teatral do colégio, foi o início de sua jornada até o cinema. Contudo, Barry não acreditava em tão grande futuro. Pensava que tudo não passava de mera diversão.

Depois de suas primeiras atuações com peças teatrais, ele se dedicou aos estudos para chegar a vir a ser advogado ou político... Todos os que o haviam visto representar diziam-lhe com insistência que era um bom ator. Começou a dizer, então, entre as pessoas de suas relações, que ia até a Broadway chegou de fato lá, porém não foi de repente, num simples salto. Teve que se sujeitar a trabalhar nos mais variados mistérios e até chegou a aceitar o emprego de lavador de automóveis...

O horizonte começou então a desanuviar-se. O público teatral teve oportunidade de observar Barry, quando desempenhava o papel romântico de primeiro galã em *The Man Who Came to Dinner* e no papel de Bing Edwards, na comédia militar de nome *Brother Rat* (peças filmadas, a primeira com Monty Woolley, a segunda com Eddie Albert).

Eddie Bracken fazia parte também do elenco e ambos os artistas eram muito amigos. Outro jovem ator cuja carreira estava em ascensão era o substituto de Barry Sullivan. Chamava-se Jeffrey Lynn, depois, "astro" da Warner.

Barry não perdeu tempo trabalhando em peças de segunda classe. Quando seu nome apareceu nos cartazes teatrais foi ao lado de nomes já consagrados na arte cênica. Trabalhou com Lynn Fontanne e Alfred Lunt, em *Idiot's Delight* (filmada com Clark Gable e Norma Shearer), com Ina Claire e Henry Daniell em *Yankee Fable*, com Fay Wray em *Mr. Big*, com Jane Cowl em *Ring Around Elizabeth*, e fez o papel de irmão de Diana Barrymore em *The Land is Bright*.

Quando em abril de 1942 Barry Sullivan apareceu na Broadway atuando em *Johnny Two By Four*, a Paramount ofereceu-lhe um contrato para trabalhar em filmes. Embora tendo ouvido falar não muito bem de Hollywood, onde muitos atores não logravam êxito, considerou no entanto a proposta e aceitou-a. Em fins de junho daquele mesmo ano, ele, sua esposa e um filhinho recém-nascido chegaram a Califórnia.

Como seu primeiro papel na tela, distribuíram-lhe uma parte em um *short* dos produtores Pine-Thomas: *Recusamos morrer*. Era um episódio dramático da tragédia de Lídice. Ao principio, surpreendeu-se de ver os atores de cinema muito conscientes de seu trabalho e dispostos a fazer o melhor que lhes permitia sua arte e habilidade. Tinha sempre em sua mente que os artistas de cinema eram caprichosos e frívolos.

Hollywood também simpatisou com Barry. Em menos de dois anos fez sete filmes. Distribuíram-lhe um papel no filme *Explosivo*



e mais tarde desempenhou o papel de psicoanalista fino e elegante, que procura resolver o problema complexo de Ginger Rogers, em *A mulher que não sabia amar*. Barry demonstrou sua versatilidade artística ao desempenhar o papel de herói *cowboy* em *A mulher da cidade* e no oficial da marinha americana que tendo escapado do naufrágio de seu navio, vem parar nas praias dos mares do sul, acabando por descansar nos braços da encantadora Dorothy Lamour, em *A favorita dos Deuses*. Tomou parte, depois, em *Nunca é tarde*, com Loretta Young, e em *Duffy's Tavern*, no qual faz o papel de galã de Marjorie Reynolds.

Até agora, em sua ascensão ao firmamento cinematográfico, Barry já trabalhou com Jean Parker, Ginger Rogers, Claire Trevor, Loretta Young, Susan Hayward e Dorothy Lamour.

Barry dedica-se ao golf em suas horas de lazer. É um entusiasta do *foot-ball* e do *base-ball* porém já não pratica esses esportes. Agora ele é apenas simples espectador. Hollywood já lhe ensinou a viver com método. Enquanto esteve na Broadway nunca se preocupou muito em regularizar as horas de suas refeições e de descanso. Trabalhava á noite, dormia de dia sem lhe importar em que lugar. Atualmente está bem instalado, um pouco

afastado de Hollywood onde descobriu o segredo de uma vida calma e sistemática.

Barry tem olhos e cabelos castanhos escuros.

Faz anos no dia 29 de agosto. Seus pais, senhora e senhor Cornelius Sullivan, continuam vivendo em Nova-York. Barry fez seus primeiros estudos nas escolas públicas de Nova York de onde foi para a New-York University antes de ingressar na Universidade de Temple, em Filadelfia. O casal Barry Sullivan tem dois filhinhos, um de dois anos e meio e outro de apenas cinco meses.

**BARRY
SULLIVAN**



ções entre o cinema francês e o americano?

— Porque apenas entre eles? O problema comporta a questão das relações entre todos os países produtores de filmes é absurdo deixar uma questão importante como a das trocas internacionais, ao bel prazer de acordos particulares entre industriais.

— E o cinema não é indústria?

— Sem dúvida; porém bem mais que a questão monetária, o que importa no cinema é sua influência intelectual o que é preciso regularizar são os intercâmbios culturais e não as modalidades de venda desta ou daquela metragem de celuloide...

— Tanto mais que, amanhã, com a televisão, o filme talvez não mais necessite desse suporte material.

— Como se reúnem conferências internacionais de rádio, o cinema deve propugnar por uma conferência internacional. É evidente que nossas antigas jurisdições são hoje inaplicáveis a meios de expressão não previstos por ocasião de sua elaboração. Admitindo-se que o cinema seja um agente intelectual, antes de ser um valor comercial, pôde-se facilmente encontrar um terreno de acôrdo.

— Acreditais serem os produtores americanos capazes de compreender esse ponto de vista?

— A nós compete colocar o cinema nesse terreno. Seria excelente para o prestígio de nosso país, que a França empobrecida e desorganizada, tomasse desde já a iniciativa de uma tal conferência que teria como objetivo criar uma Carta Internacional.

— E quais seriam as grandes linhas dessa carta?

— Cada país no interior de suas fronteiras teria o direito absoluto de imaginar o que desejasse. Em compensação, a exportação, o intercâmbio de filmes obedecendo apenas ao fator qualidade, seria estabelecido com o único fito de assegurar uma corrente permanente de trocas intelectuais.

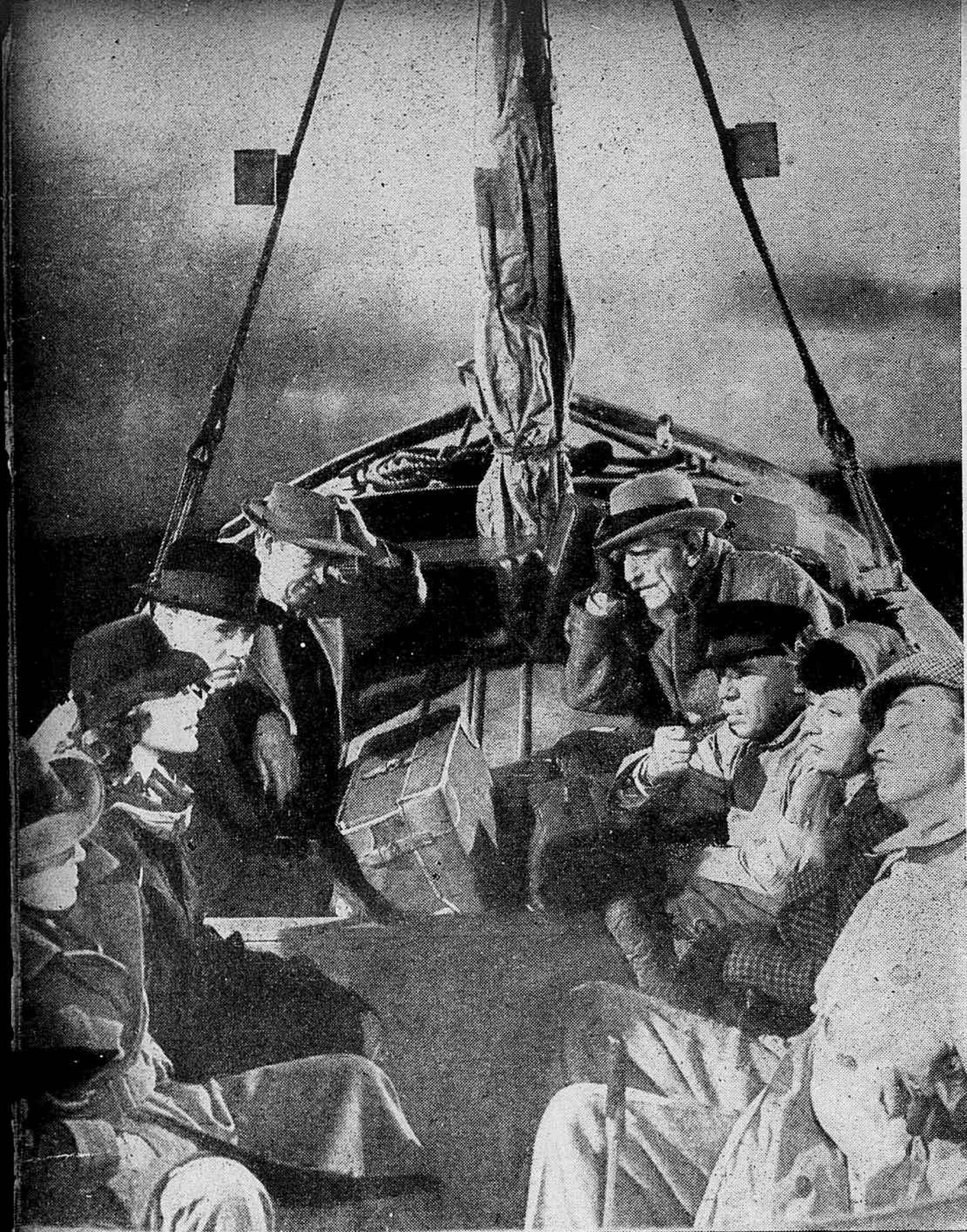
Evidentemente, da qualidade depende a propaganda: quanto melhor o filme, maior será a propaganda de seus país.

— Naturalmente. A melhor propaganda é a que é feita sem a menor preocupação de propaganda: — certo dia, com a intenção de produzir simplesmente uma comédia divertida, Hollywood realizou *Vamos à América*; ora, nada contribuiu tanto para auxiliar a compreender, fóra de suas fronteiras, o espírito profundamente democrático dos americanos. Igualmente, antes da guerra, filmaram por acaso na Inglaterra *Adeus, Mr. Chips* e toda a alma da velha Inglaterra revelou-se aos olhos extasiados dos milhares de espectadores que a ele assistiram.

— Têm pois os governos o dever de se interessar pelo cinema?

— Não tenho mais admiração pela palavra "proteção" que pela palavra "controle", mas é preciso que os poderes públicos auxiliem o cinema, pois os problemas que ele apresenta estão ligados aos problemas do governo, não podem ser separados. Eis porque faço votos para que se elabore, o mais cedo possível, as grandes linhas de nossa política cinematográfica.

— Nunca poderemos fazer figura nessa conferência internacional, cuja necessidade cada dia mais se faz sentir, se não soubermos construir, nós mesmos, sobre sólidos alicerces, nosso cinema nacional.



Cena do mais recente celuloide americano de René Clair, na 20th-Fox — AND THEN THERE WERE NONE — novela de mistério de Agatha Christie. Da esquerda para a direita: Louis Hayward, June Duprez, Walter Huston, Barry Fitzgerald, C. Aubrey Smith, Roland Young, Judith Anderson e Mischa Auer.

MULTIPLAS são as causas da autoridade de que goza René Clair no mundo. Em primeiro lugar estão os seus sucessos: — *Sob os tectos de Paris*, *O milhão*, *Fantôme à vendre*, *Ma femme est une sorcière*, e que comoveram todos os públicos. Em seguida, foi o único de nossos cineastas que se conservou fiel aos ideais de sua juventude. Enquanto que todos os pioneiros do cinema francês mais ou menos abdicaram, suas recentes produções conservam-se dignas dessa *Paris qui dort*, que no despertar da outra guerra nos revelou seu nome.

Enfim, é universalmente conhecido, não sómente pela repercussão de seus filmes, mas por terem sido alguns deles dos mais importantes realizados na Inglaterra e na América para o grande público anglo-saxão.

Regressou o autor de *Entr'Acte* à França, numa ocasião em que o cinema atravessa uma penosa crise e quando para vencê-la a produção francesa orienta-se para soluções que

são o alvo de vibrantes protestos dos Estados Unidos. O *New York Herald* escreve que a aplicação dos projetos atualmente em estudo acarretaria para os produtores americanos a perda de uma grande parte de seu comércio exterior que cobria antes da guerra 40% das despesas de sua produção. É concebível que eles não se resignem tão facilmente, todavia, si nosso cinema deseja viver, é forçoso conter a atual onda americana, assim como um dique contém as águas de uma torrente.

René Clair analisou bem essa situação com a competência que lhe confere sua estadia de 5 anos em Hollywood entretanto, antes de pedir-lhe sua opinião sobre esses graves problemas, quizemos deixar-lhe o tempo necessário para que retomasse contato com seu país. Depois de um mês não lhe faltaram ocasiões para se fazer uma opinião sobre a situação do cinema francês e as declarações que seguem têm mais peso.

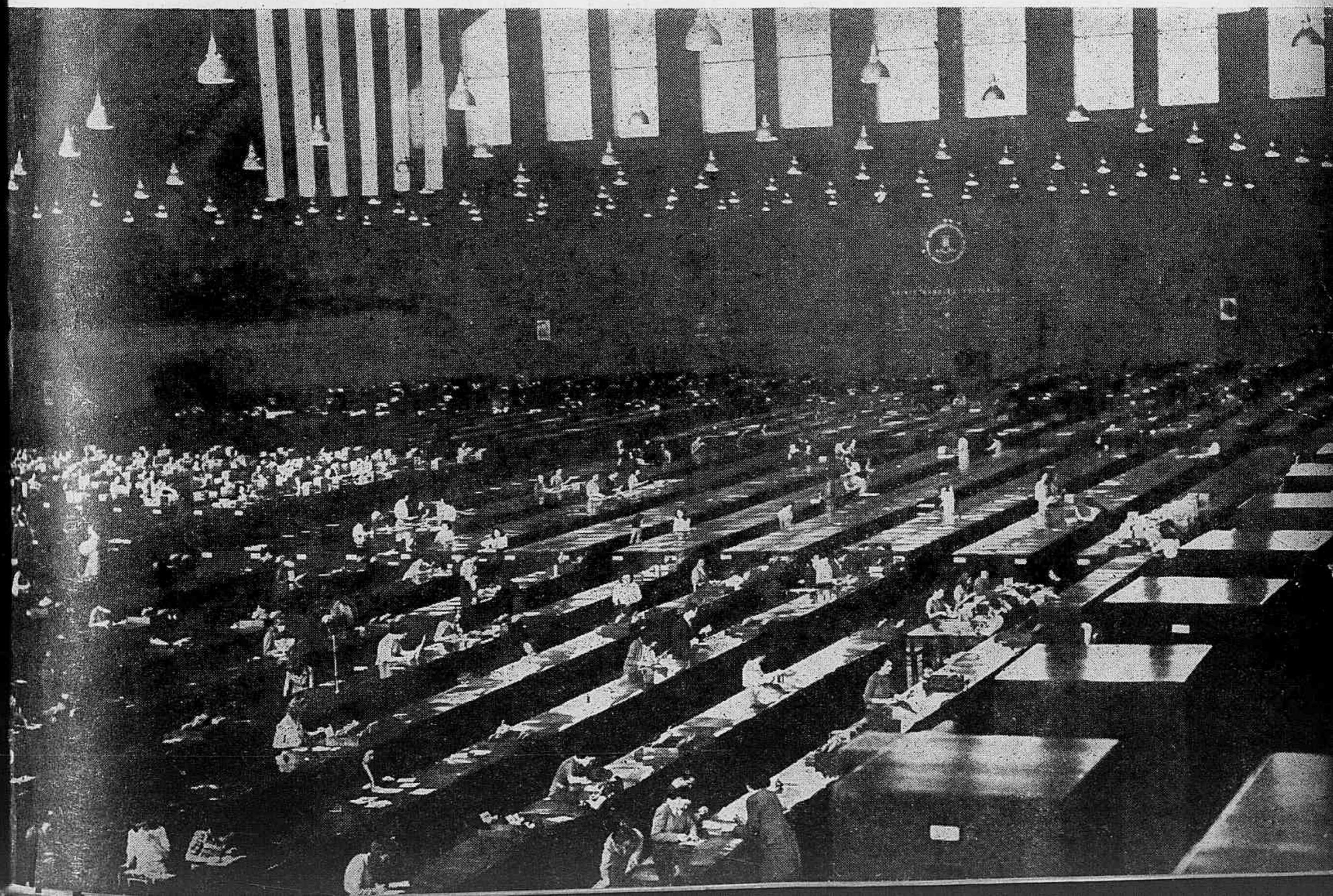
— Como concebeis, indagamos, as rela-

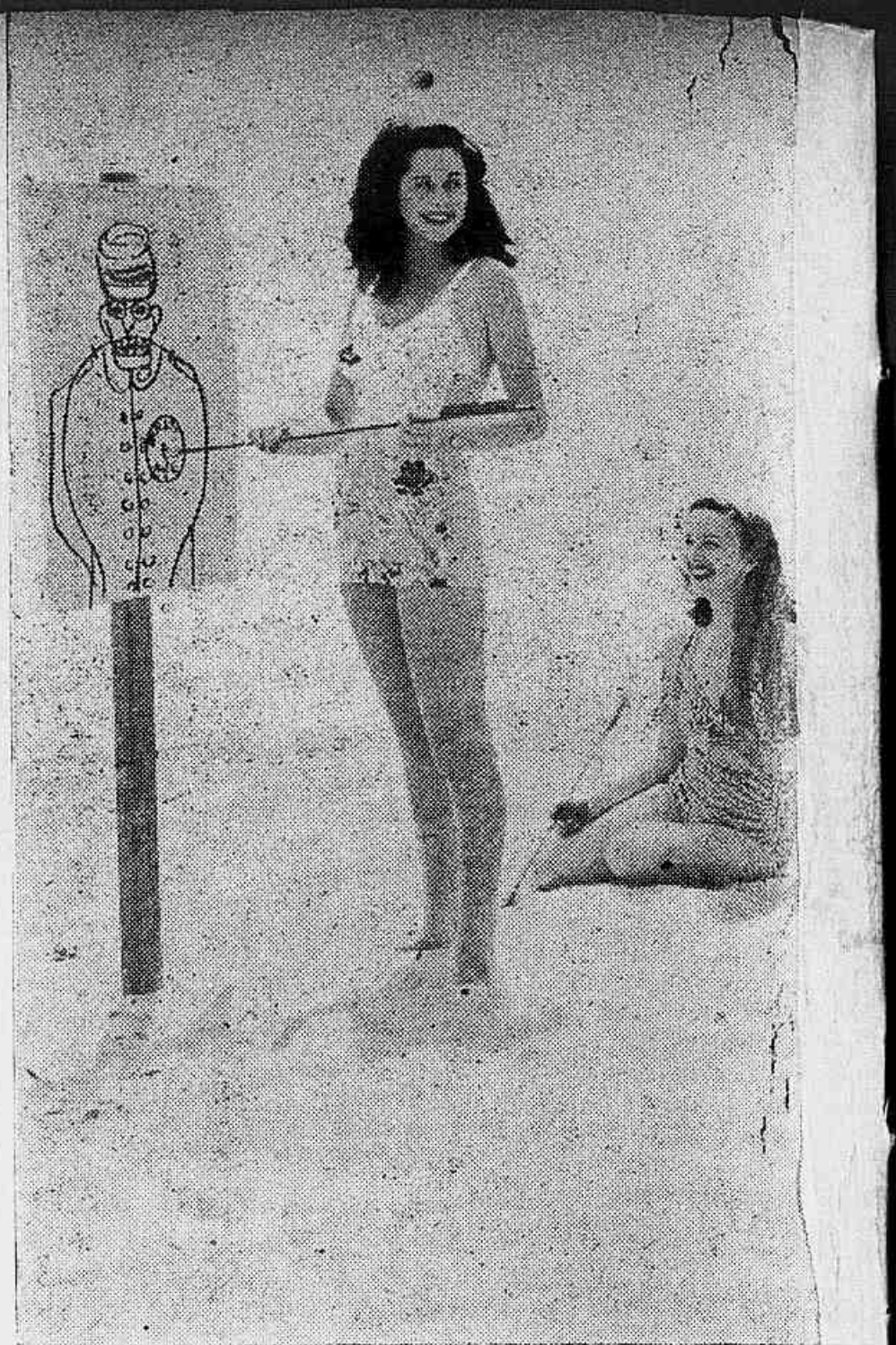
O QUE RENE' CLAIR ME DISSE...



"The House On 92nd Street", da 20th, produzido por Louis de Rochemont, como novidade em materia de filmes de espionagem, repete a "performance" registrada, antes da guerra, pelo famoso "Confissões de um espião nazista". Baseado em fatos reais e realizado com o auxílio dos arquivos secretos do Federal Bureau Investigation, em sua titânica luta contra os espiões e saboteurs nazistas, o filme nos revela as atividades dos agentes de Hitler, para apoderar-se do segredo da bomba atômica, que pôs fim á segunda grande guerra mundial. Produzido com a cooperação oficial do governo americano, a maioria dos interpretes são os próprios agentes do F. B. I., tendo sido a maior parte das cenas filmadas nas ruas de New-York e Washington, nos locais onde ocorrem os episódios que pela primeira vez aparecem na tela. Os principais papeis são interpretados por Lloyd Nolan, William Eythe, Signe Hasso, Leo G. Carroll e poucos outros profissionais. Os demais são os próprios G-men, repetindo no celubide o que fizeram na realidade. O filme esteve um ano em preparação e os atores e técnicos que nele trabalharam não sabiam que a história se relacionava com o desenvolvimento e a proteção da maior descoberta do século. Tais partes foram omitidas do "script" até que a Casa Branca anunciou a estréia da bomba atômica, em Hiroshima. Tudo faz crer que este filme será o mais sensacional do ano e seu sucesso ultrapassará o do maior musical, histórico ou técnicolorido, até agora produzido em Hollywood. No Brasil, ve-lo-emos, inteiramente dublado em nosso idioma, o que aumentará o seu interesse, dado o aspecto documentário do argumento. Damos nesta página três cenas do filme; que tem a prestigiá-lo ainda a direção de Henry Hathaway.

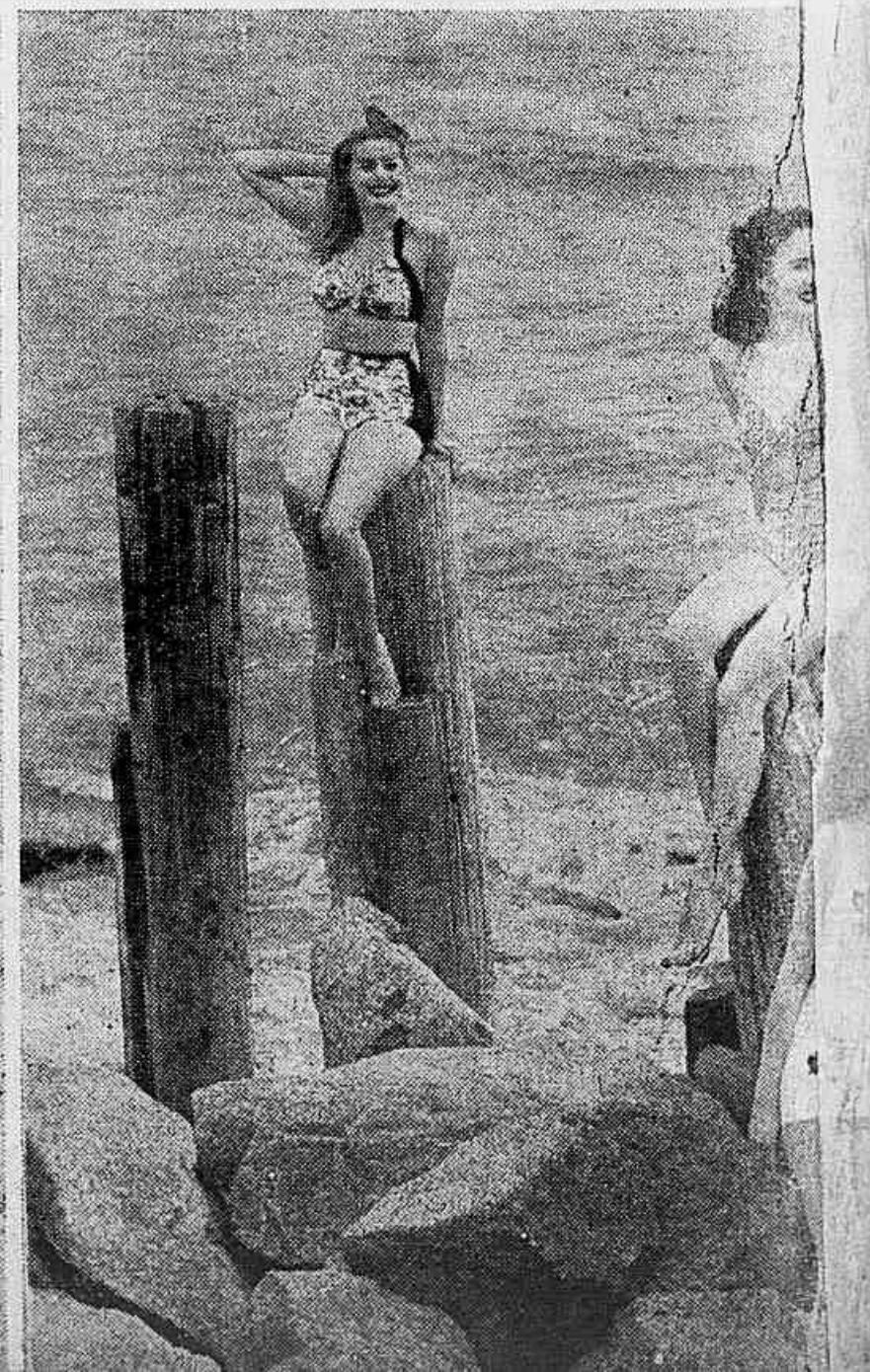
O PRIMEIRO FILME SOBRE A BOMBA ATÔMICA





RUMO À CELEBR

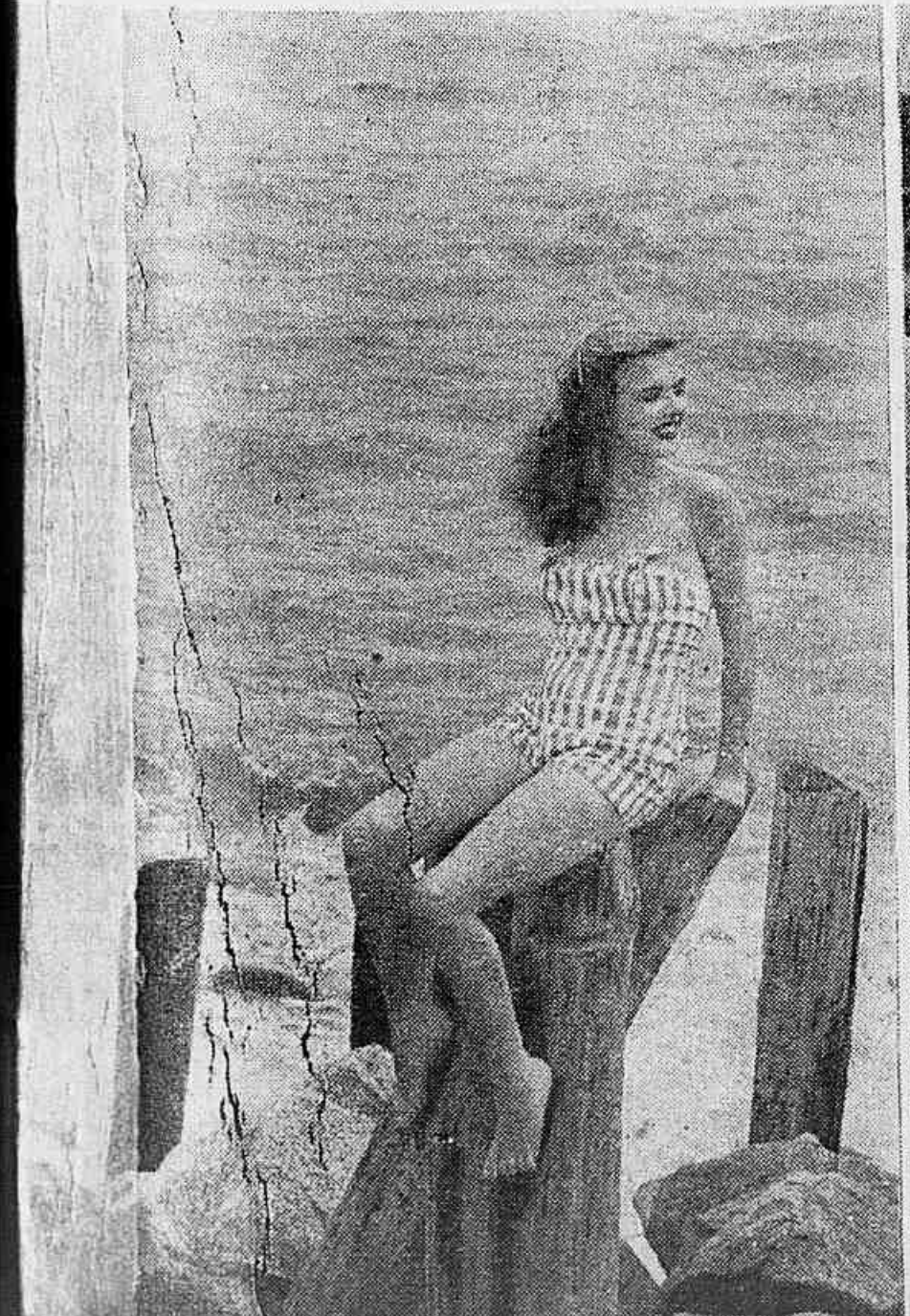
Jane Harker, Joan Winfield, Helen Per...
 Peggy Knudsen são quatro "starlets" da V...
 Bros que aparecem em "The Time, The Place an...
 Girl". Como todas as "starlets", começam t...
 fotografias de publicidade em "maillot", most...
 sua plastica, enchendo os olhos dos "fans" e fa...
 propaganda — que neste caso é das mais efica...
 para o filme anunciado, embora depois os seu...
 mes, não raro, nem apareçam na relação dos int...
 tes oficiais do celuloide... Desta vez aprove...
 o Japão sitiado, ignorante do segredo da bomba...
 mica que iria derrotá-lo, confiante na inexpug...
 lidade do seu território sagrado, defendido pelos...

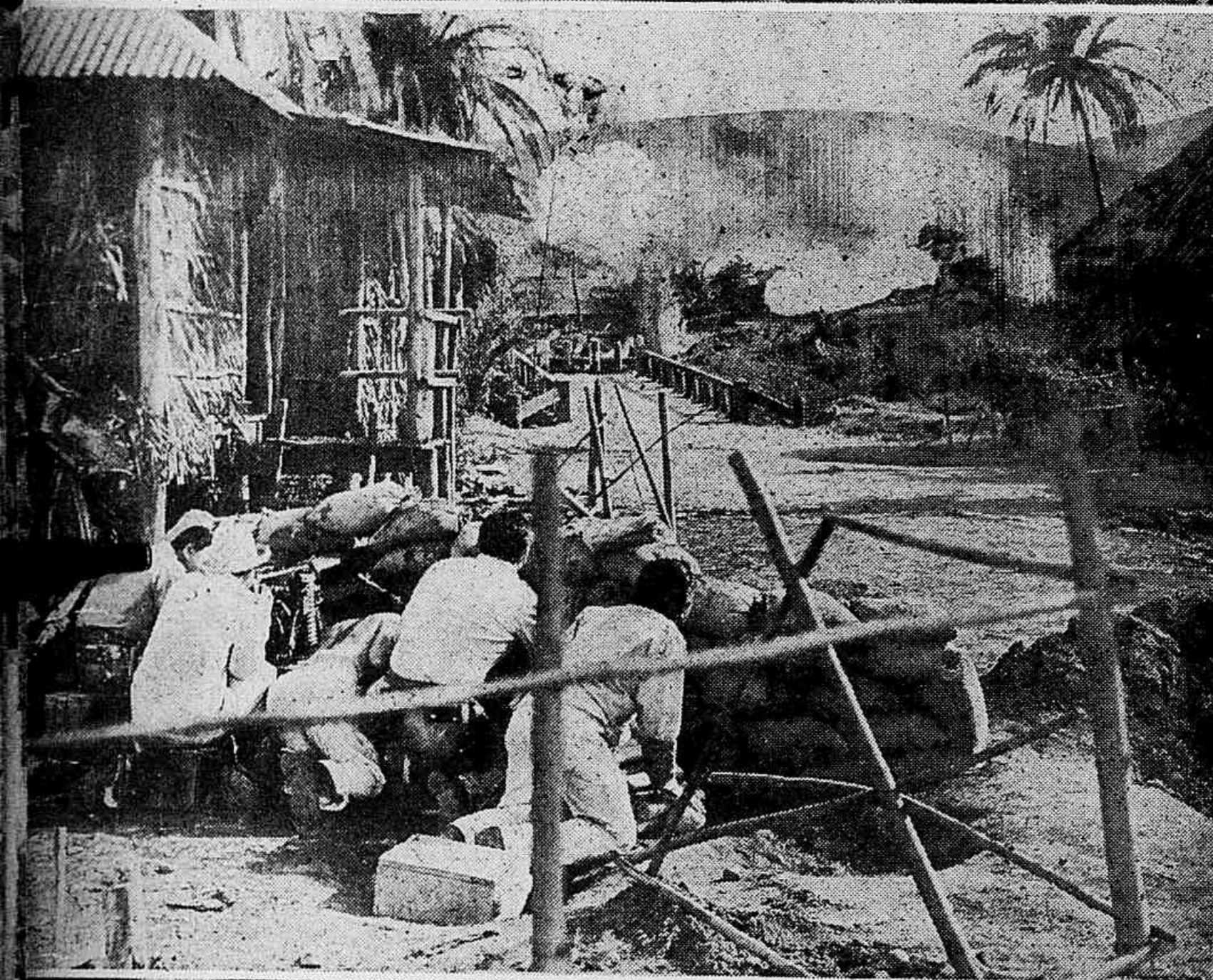




DE... VIA TÓQUIO

...kazés"... Vemos, ao alto, pela ordem — uma bomba-
...quete (aliás três...) endereçada a Tóquio pela loura
Jane e a morena Helen, comemorando o último 4 de
Julho; Helen, Joan, Peggy e Jane num exercício de
arco e flecha no coração do Mikado... Peggy defende
os olhos dos raios solares com olhos escuros e sorri
para o fotografo, apresentando um fascinante modelo
de "maillot" para as leitoras de "A Cena". Em baixo:
dois instantâneos de um "pic-nic", sem racionamento,
e quatro sorrisos alegrando a monotonia do quebra-
mar: "Starlets", "maillots" e "shorts" enfeitando a
massa dupla central...





ESPIRITO INDOMAVEL

(BACK TO BATAAN)



ELENCO:

Coronel Joseph Madden	JOHN WAYNE
Cap. Andrés Bonifacio	ANTHONY QUINN
Miss Barnes.....	BEULAH BONDI
Dalisay Delgado.....	FELY FRANQUELLI
Major Haako.....	RICHARD LOO
Coronel Huroki.....	PHILIP AHN
Maximo.....	DUCKY LOUIE
Biernesa.....	J. ALEX HAVIER

Ao serem libertados alguns prisioneiros americanos em Cabanatuan, são apresentados aos público alguns desses bravos heróis, vítimas da crueldade nipônica e sobreviventes de terríveis batalhas.

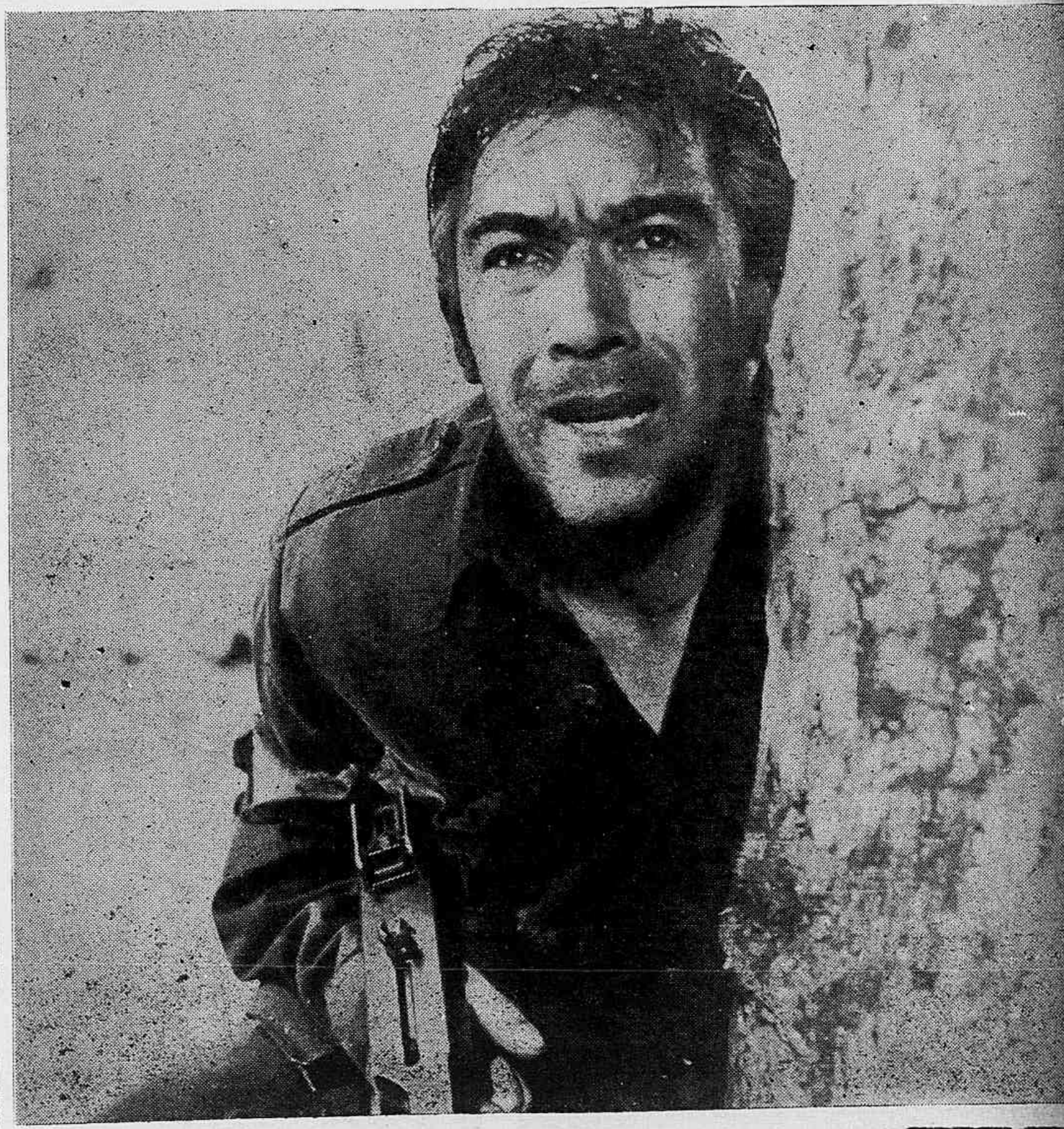


Daí por diante, a ação da história retrocede três anos e se passa em Bataan. O coronel Joseph Madden e seu amigo Capitão Andrés Bonifacio lutam desesperadamente para expulsar os japoneses, já muito próximos. Bonifacio está acabrunhado, pois soube que sua noiva, Dalisay Delgado, "estrêla" do cinema filipino, está enviando mensagens pelo rádio de Manila, aos seus compatriotas, para cessarem fogo contra os japoneses. Madden é chamado ao quartel e recebe ordens para deixar o lugar e dirigir-se secretamente às colinas de Luzon, afim de organizar grupos de guerrilheiros que irão formar uma "armada invisível" e continuar a luta. Ele também é notificado de que deve proteger a todo custo Dalisay Delgado; em suas mensagens aparentemente traiçoeiras, ela manda informações importantíssimas aos defensores de sua pátria. Perto de Balintawak, berço da liberdade filipina, Madden envia o primeiro grupo de guerrilheiros. Os japoneses chegam á cidade e intimam o diretor da escola a abaixar a bandeira americana, colocando a japonesa. O diretor recusa-se, sendo então enforcado. Miss Barnes, a professora local e Máximo, seu aluno favorito, fogem para juntar-se ás forças de Madden. Os guerrilheiros conseguem então matar o japonês responsável e Madden é informado da queda de Bataan. Presenciando a infame "Marcha da Morte" executada por prisioneiros sob a fiscalização dos japoneses, Madden descobre Bonifacio e manda um filipino disfarçado em soldado japonês salvá-lo. Bonifacio, porém recusa-se a prosseguir na luta, não querendo conduzir o seu povo a maior carnificina. Madden persuade o filipino a levar uma mensagem para Manila.



onde êle descobre que Dalisay é realmente uma patrióta. Animado, êle volta para continuar a luta subterrânea, enquanto Dalisay permanece em seu pôsto, deixando-se cortejar pelo coronel Huroki afim de obter informações.

Alarmados com a sempre crescente resistência dos filipinos, os japônêses resolvem conceder-lhes a "independência" e, seguindo sugestões de Dalisay, as cerimônias oficiais são efetuadas em Balintawak. Para surpresa do inimigo, surgem inesperadamente os guerrilheiros, que quasi os exterminam. Bonifacio salva Dalisay. Os japônêses reinidentes capturam o menino Maximo e torturam-no, afim de que êle revele onde é o quartel de Madden. Maximo os acompanha até a metade do caminho, mas devido a um acidente são todos mortos. Apesar da selvageria do inimigo, as forças filipinas aumentam consideravelmente. Submarinos americanos trazem armas, mantimentos e novas esperanças para os valorosos combatentes. Madden está de volta á ilha de Leyte, vindo da Austrália, com os planos para o assalto americano. Afim de que seja impedido um ataque dos japoneses, Madden, Bonifacio e seus homens bloqueiam a estrada de Bulag. Eles conservam o inimigo encurralado até que as tropas americanas apareçam, até que o general Mac Arthur volte...





Uma das mais interessantes personalidades da Cinelândia é, sem dúvida, essa Miss Jeff Donnell, que aparece ao lado de Ann Miller em "Ela era uma dama" e depois encabeçando o "supporting-cast" de "Passaram-se os anos" a nova comédia de Irene Dune com Alexander Knox, dirigida por Charles Vidor.

Jeff nasceu no dia 10 de Julho de 1921, num reformatório para rapazes delinquentes. Mas não se assustem. Isso foi porque era ali onde sua família morava, pois que o pai era o diretor de tal reformatório;

Isso foi em Windham, no Maine. Depois eles se mudaram para Towson, em Maryland, onde a pequena Jeff cresceu e se educou.

Desde muito cedo Jeff Donnell manifestou decidida vocação para o palco. E assim foi estudando dança e arte dramática, não com intenção de se tornar atriz, mas sim diretora. Terminado o curso em Windham, eí-la a caminho de Boston, com o fito de estudar na famosa Leland Powers Dramatic School. Portou-se tão bem nesses estudos que quando de lá saiu era uma perfeita atriz... e a esposa do diretor da escola, Mr. William Anderson.

Passada a lua-de-mel, Jeff estreiou no teatro. Foi no verão seguinte ao casamento, na Farragut Playhouse, em Rye Beach. Max

(Continua na pagina 34)

J E F F . . .

Uma aventura na Martinica

(TO HAVE AND HAVE NOT)

ELENCO:

Cine Romance

Morgan.....	HUMPHREY BOGART
Eddie.....	WALTER BRENNAN
Marie.....	LAUREN BACALL
Helène de Bursac.....	DOLORES MORAN
Crickett.....	HOGGY CARMICHAEL
Gerard.....	MARCEL DALIO
Johnson.....	WALTER SANDE
Cap. Renard.....	DAN SEYMOUR
Paul de Bursac.....	WALTER MOLNAR
Tenente Coyo.....	SHELDON LEONARD
Sua ordenança.....	ALDO NADI
Beauciere.....	PAUL MARION
O cantineiro.....	PAT WEST
Emil.....	EMMETT SMITH
Horatio.....	SIR LANCELOT

Filme da Warner, dirigido por Howard Hawks.

BASEADO NA NOVELA (TITULO ORIGINAL DO FILME) DE ERNEST HEMINGWAY.

Novelização adaptada por PERY RIBAS

Nos dias sombrios que se seguiram á queda da França, os adeptos ao governo de Vichy haviam se apoderado da ilha de Martinica, mantendo uma situação de tranquilidade superficial, debaixo da qual ferviam os surdos protestos dos que queriam seguir defendendo a liberdade, recusando submeter-se aos que, proclamando serem representantes da verdadeira França, mantinham uma autoridade que na realidade não possuíam, mediante a qual, perseguiram os que não acatavam suas ordens.

Ao par da luta intestina em que se debatiam uns e outros, porém sem querer envolver-se na política interna da ilha, encontramos Harry Morgan, um rude homem do mar, dono de uma personalidade fascinante, motivada por sua completa indiferença ao perigo e pelo oportuno

sorriso que acompanhava, às vezes, suas frases, ou punha ponto final numa conversação que lhe era desagradável. Fisicamente, Morgan era alto, delgado, de pele morena e olhos expressivos. Vestia como um piloto que se ocupa em alugar seu barco e guiar o mesmo para que outros realizassem, suas expedições de pesca.

Já levava vários dias pilotando sua lancha para levar a pescaria ao rico Johnson, quando o vemos, na manhã em que começa a nossa narrativa, aproximar-se da janelinha do guichet de licenças da Capitania do Porto, onde os sequazes do governo de Vichy tinham colocado um dos seus, um velho que suspeitava de todo o mundo e tornava todas as precauções imaginárias para que os franceses livres e seus amigos não pudessem fomentar nada contra as falsas autoridades de Vichy.

Com passo firme e apressado, chegou Morgan para pedir a licença, entregando sua caderneta ao que expedia esses documentos, o velho que era o Capitão da Guarda de Vichy e que o conhecia muito bem, sabendo seu nome, porém perguntou-lhe oficiosamente:

— "Como se chama"?

— "Morgan" — respondeu secamente, o piloto.

— "... e que deseja" — perguntou com algo de impertinência o Capitão.

— "O mesmo de ontem" — disse Morgan.

— "Sim... O senhor e seu capataz querem sair temporariamente do porto"...

— "Isso mesmo"! — respondeu com impaciência Morgan.

— "De que nacionalidade é?" — continuou o Capitão.

— "Esquimó" — respondeu o piloto.

— "Que disse" — exclamou, mal humorado, o velho.

— "Americano do norte... ou norte-americano... como queira".

— "Nome de seu barco"?

— "Rainha Concha", matrícula do Estado de Florida... Vamos pescar, como temos feito todos os dias, durante as últimas semanas... Voltaremos esta noite e não nos afastaremos mais de 3 milhas da costa".

Morgan disse isso tudo de uma vez só, e o capitão mostrando-se impaciente, continuou:

— "Dê-me cinco francos... e ouça bem: não tem licença de navegar em águas territoriais de outra nação. Não deve aproximar-se de Santa Lúcia nem de São Domingos.

— "São novas ordens" — perguntou Morgan.

— "Sim. A noite foi firmado o decreto por Sua Excelência, o Almirante Robert, Governador Geral das Antilhas Francesas".

— "Oh! Felicite-o, em meu nome" — disse sorrindo Morgan.





— “Que? Parece-lhe mal”? — perguntou em tom irritado o Capitão.

— “Não... de maneira alguma” — respondeu o piloto com sarcasmo.

Tendo obtido sua licença de saída, Morgan dirigiu-se para o seu barco, que estava amarrado no molhe e depois de despertar seu fiel amigo Eddi, que se encontrava embriagado como de costume, estendido sobre o tombadilho, e de fazer outros preparativos, esperou a chegada de Johnson, o qual depois de dar-lhe bom dia, perguntou:

— “Temos bom tempo para a pesca”?

— “A verdade é que não estou muito seguro, porém creio que será tão bom quanto o de ontem”.

Sem dizer mais nada Johnson acomodou-se na cadeira que ficava na popa do barco, para poder pescar comodamente, porém Morgan lhe disse:

— “Necessito de dinheiro para encher o tanque de gasolina”...

— “Aqui o tem respondeu Johnson, tirando o dinheiro do bolso e dando-o ao piloto, que lhe disse:

— “Ponha-o na conta do que lhe devo”...

A pescaria foi excitante. Um peixe enorme mordida a isca e quando Johnson começava a recolher a linha, o peixe invariavelmente escapava. Morgan estimulava seu passageiro a não perder o peixe e Johnson puxou tanto este que terminou por partir o caniço, perdendo no mar a linha de pescar.

Morgan estava mal humorado e Johnson decepcionado, quando a lancha entrou novamente no porto. Antes de se repararem, Morgan perguntou-lhe:

— “Que faremos amanhã”?

— “Não tenho vontade de sair outra vez para pescar... já estou aborrecido de não pescar nada”...

— “Compreendo... há 16 dias que saímos para o mar e nem sequer uma vez trouxemos um peixe! Isto é para desanimar, pois duas vezes estivemos na iminência de pescar um peixe — um dos quais teria orgulhado qualquer pescador e, sem embargo... ele escapou”.

— disse Morgan por dizer algo sobre o assunto.

— “Espe e, Morgan, você disse que saímos há 16 dias e eu somente lhe devo 15” — replicou Johnson.

— “Não, Johnson: com hoje são 16 dias e, ademais, você perdeu os instrumentos de pesca”... repetiu o piloto com firmeza.

— “Isso não me importa quando você aluga sua lancha tem que correr esses riscos.

— “Pois bem, Johnson, embora você tenha perdido os instrumentos de pesca por descuido, não irei cobrar o valor deles, porém, a conta é certa — você me deve 16 dias e outras despesas, que lhe afiançei”.

— “Sinto muito Morgan, entretanto, não tenho tanto dinheiro neste momento, na carteira... de maneira que você terá que esperar até amanhã. Está certo”?

— “Não me parece muito certo, porém, tenho que concordar”... — respondeu o piloto.

— “Obrigado, Morgan. Vamos tomar um trago”?

Morgan não disse uma palavra mais, porém, ele e Johnson saíram do molhe em direção ao café vizinho, onde o proprietário, conhecido por “o francês”, lhes perguntou:

— Que lhes sirvo?

— “Borbon” — disse Johnson.

— “O mesmo... com rum” — completou o piloto.

— “Que tal esteve a pesca hoje”? — perguntou o “francês”.

— “Não serviu para nada”... — respondeu Morgan.

— “Estivemos sem sorte” — falou Johnson — “Perdemos o maior peixe que já vi em minha vida”...

— “Oh! Isso não é nada... talvez amanhã o senhor consiga pescá-lo...” — disse “o francês”.

— “Não. Não voltarei a pescar nestas águas... Este foi o meu último dia aqui nesta costa”.

— “Sim”? — exclamou o dono do café.

— “Bem, até á vista amigos” — disse Johnson, levantando-se, e fitando Morgan perguntou-lhe:

— “Você disse 16 dias e mais as despesas que me afiançou”?

— “Isso mesmo” — respondeu Morgan, continuando:

— “A que horas posso vê-lo, amanhã”?

— “A’s dez e meia, depois que eu tenha ido ao Banco”.

— Está bem. Esperá-lo-ei aqui no café”!

Johnson dirigiu-se para outra mesa do café e sentou-se para conversar com outros.

Enquanto isto, Gerard, o “francês” dono do estabelecimento, perguntava a Morgan:

— “Estarás livre amanhã, não”?

— “Sim. Porque perguntas”? — respondeu o piloto, surpreendido.

— “Porque aqui estiveram uns amigos meus que querem alugar tua lancha”...

— “Para ir pescar”?

— “Não... Harry. Eles querem alugar o barco por uma noite... porém, te pagarão muito bem”.

— Está certo mas o que querem fazer com a minha lancha”? — perguntou Morgan, interessado.

A conversa foi interrompida por alguém que estendendo a mão fazia outra pergunta, alheia ao assunto dos dois homens:

— “Quem tem um fosforo”?

A pessoa que falava era uma pequena que os olhava de soslaio e falava com os lábios quase cerrados, o que lhe dava certo ar de mistério, capaz de intrigar qualquer homem e muito mais a Morgan, sempre ávido de novidades, principalmente um tipo feminino com a personalidade daquela mulher...

Apezar disso, sem dizer palavra tirou do bolso a caixa de fosforos e deu-a á pequena. Esta acendeu o cigarro e com a mesma displicência com que Morgan atendera ao seu pedido, jogou a caixa de fosforos em cima da mesa, dizendo apenas: — “Obrigado”. Depois retirou-se.

Mal a estranha mulher havia virado as costas, Morgan perguntou a Gerard:

— “Quem é”?

— “Uma mulher que chegou esta tarde, no avião do sul”. — respondeu o dono do café, prosseguindo no assunto do barco, tratando de convencer ao piloto que alugasse a lancha aos seus amigos porém; Morgan, que suspeitava tratar-se o negocio de alguma missão secreta, recusou a proposta, pois não queria envolver-se nas lutas entre os franceses livres e os representantes do governo de Vichy, que operavam na Martinica.

SEGUNDO esperava Morgan, Johnson lhe pagaria no dia seguinte e ele poderia sair da Martinica. Naquela noite, porém, Johnson o convidou para jantar no café e encontrando-se eles novamente juntos, a pequena que Morgan havia conhecido á tarde, quando ela lhe pedira fosforos, aproximou-se do piano e acompanhada pelo famoso (Crickett) começou a cantar uma suave canção, tão envolvente que ninguém podia tirar os olhos da cantora, que se chamava Maria, porém a quem Morgan, desde o primeiro momento havia chamado de “slim”, porque, para ele, um homem forte e rude, ela parecia sutil e debil como um bouquet de açucenas...

Terminada a canção todo o mundo aplaudiu e enquanto a algazarra geral do ambiente encobria o éco das conversações, Gerard aproximou-se de Morgan e lhe disse:

— “Não pude avizar a meus amigos que tu recusaste o negocio que propuz e eles vieram”...

— “Oh, “francês”! — exclamou o piloto, levantando-se.

E Morgan dirigiu-se para sua casa, acompanhado do dono do café que tentou em vão convencer-lhe de alugar-lo a lancha. Em vista disso ao chegarem á residencia do piloto, o “francês” retirou-se, indo procurar os amigos para dizer-lhes que não havia esperanças de que Harry os auxiliasse.

Não havia estado o piloto nem cinco minutos no seu quarto, quando chegou Maria, que ele havia visto, por último dançando com Johnson.

— “Alô, amigo”! — disse “Slim”, entrando no quarto de Morgan como se já gozasse da intimidade do piloto.

— “Vamos, dá-me o que tens aí... — disse-lhe Morgan, com voz autoritaria.

— “Que queres”?

— “A carteira de Johnson”...

— “Estás louco... eu não tenho nada”!

— “Vamos, deixa de fingimento, “Slim” — insistiu Morgan, tratando-a pela primeira vez pelo apelido com que a batizara...

— “Pois bem, “Steve” — disse Maria — inventando também um nome para ele — “Se fazes tanta questão, aqui está... porém não sabia que tua profissão era a de detetive”... — continuou, agora sorrindo.

— “Não é isso, mas Johnson é meu cliente”...

— “Pois então saibas que ele não fala muito bem de ti”...

— “Isso não importa, ele é meu cliente... e se queres roubar procura outro que não me deva dinheiro”...

— “Ele perdeu a carteira e eu a recolhi”...

— “Sim?... e pensavas em devolve-la ao dono, não é”? — disse Morgan com sarcasmo.

— “Não... não pensava... Ademais preciso de dinheiro para partir da Martinica...” — explicou “Slim”.

— “Pois terás que roubar outro” — disse o piloto, enquanto examinava a carteira de Johnson, constatando, decepcionado, o pouco dinheiro que ela continha.

— “Querias que tivesse mais”? — perguntou a pequena.

— “Sim... o hipócrita me disse que teria o dinheiro suficiente para pagar o que me deve, depois de ir ao Banco... e já havia comprado a passagem para o avião que parte ao amanhecer... aqui está o bilhete”...

— “E era teu cliente, hein”! — disse “Slim” dando uma gargalhada. “Já vês que te prestei um favor roubando-lhe a carteira”...

— “Sim... mas se eu não andasse a tempo ficarias com todo o dinheiro... e eu tenho direito a ele... não achas”? — perguntou Morgan com cinismo.

— “Isso deixo a teu critério” — respondeu a pequena.

— “Bem, que te parece se”...

Não pdeu Morgan terminar a frase, pois seu amigo Gerard havia

entrado, acompanhado dos franceses livres, que vinham insistir com o piloto para que este lhes alugasse o barco.

— “Não pude fazer nada Morgan, insistiram em falar-te” — disse o “francês” desculpando-se.

— “Slim” vendo entrar os quatro homens compreendeu que ela era demais ali e voltando-se para “Steve” lhe disse:

— “Devo retirar-me”...

— “Não. De nenhum modo. Fica, pois ainda não chegámos a um acôrdo”. E dirigindo-se aos visitantes disse-lhes: — “Podem falar diante dela”. “Não é assim “Slim”? — perguntou a pequena.

— “Está bem” “Steve” — respondeu ela.

A discussão foi quase violenta. Morgan recusou energicamente tomar parte naquela missão que considerava demasiada arriscada para ele, pois embora simpatizasse com a causa de Gerard e seus amigos não queria complicações com as autoridades, principalmente agora quando começava a sentir-se interessado por “Slim”, que poucas horas antes, era para ele apenas uma desconhecida...

No transcurso da conversação viamos a saber que os patriotas ofereciam a Morgan mil e quinhentos francos e que a viagem que eles pretendiam fazer no barco era de somente quarenta quilômetros do litoral. Em vista de Morgan não aceitar a proposta, o chefe dos patriotas lhe disse com toda a franqueza que sempre acreditava que os americanos estivessem ao lado dos franceses, porém agora via que estava enganado... Morgan explicou-lhes que sabia que as autoridades de Vichy enviavam os conspiradores para a Ilha do Diabo e não lhe agradava nada conhecer essa famosa prisão.

Em meio da entrevista dos franceses com o piloto, chegou Edlie, fiel amigo de Morgan, embriagado como sempre e pôs-se a dizer inconveniências, obrigando Morgan a fazê-lo retirar-se, pedindo-lhe que se “esquecesse” do que vira e ouvira ali.

Entretanto, a discussão continuou e o piloto, não vendo outro modo de terminar o assunto, disse ao que parecia o chefe dos patriotas: — “Amigo, podemos continuar aqui até o amanhecer discutindo a sua proposta, porém minha resposta será sempre a mesma — “Não”. Eu não tenho interesse algum no atual governo da Martinica ou no que o substituir: a verdade é que serão de arranjar outro piloto porque eu não posso servi-los”.

E segurando “Slim” pelo braço, disse-lhe: “Vamos tratar do nosso acôrdo...”

— “Boa noite, senhores” — disse a pequena, e saiu acompanhada de Morgan.

— “Estão em sua casa... Aí tem cigarros” — disse-lhes o piloto e caminhando em direção á porta murmurou ao ouvido de “Slim”:

— “Quero vêr a cara de Johnson, quando lhe devolveres a carteira”.



O ambiente do café de Gerard era, como acontecia diariamente, da mais franca alegria. Quando Morgan entrou, acompanhado de “Slim”, Johnson aproximou-se da pequena e lhe perguntou:

— “Onde estavas? Procurei-te em toda a parte”.

E encarando Morgan: — “Agora já sei quem levou minha amiguinha”...

— “Não fique com ciumes, Johnson” — disse o piloto, com sar-

casmo — “Ela tem algo que quer devolver-lhe” — ao mesmo tempo que dizia para “Slim”: — “Vamos, dá o que tens para devolver-lhe”...

— “Minha carteira... não te desculpas, Marie!” — exclamou Johnson.

— “Quero vêr é como você vai desculpar-se, Johnson” — disse Morgan.

— “Desculpar-me de que...?”

— “Disse-me que iria ao Banco amanhã”...

— “E que ha demais nisso”?

— “...sua passagem de avião, para o amanhecer... Como poderá ir ao Banco às 10 horas...?” — perguntou Morgan.

— “E’ que eu”...

— “Não admito desculpas... Você ia ao Banco assinar alguns destes cheques do seu talão de viajante... pois bem... tens uma carteira aí “francês”? Vamos, Johnson... assine o cheque do que me deve”...

— “Sim... sim” — concordou Johnson.

Neste momento ouviu-se um rumor e a voz de Gerard que dizia:

— “Atrás... atrás... Detenham-se”!

Depois a voz do agente de polícia que sobressaindo do vozerio, ordenava:

— “Ninguem se mova”!

No tumulto, Morgan arrastou “Slim” para um canto obringado-a a deitar-se no chão, protegendo-a com o seu corpo, pois os policiais haviam armado tremendo tiroteio, que cessou em breve, logo que todo o mundo refugiou-se em lugares estratégicos, outros fugiam, e o salão ficou vazio, vendo-se no seu centro, estendido ao pé de uma mesa, o cadáver de Johnson, que havia sido atingido por uma bala perdida durante a refréga.

Os que ficaram no café aproximaram-se curiosos do corpo de Johnson, porém Gerard acercou-se de Morgan e “Slim”, e lhes disse:

— “Isto é terrível! Quando chegar o Inspetor, não digam nada. Ninguem sabe nada... Compreendem”?

Tudo se havia passado tão rapidamente... O tumulto havia sido tão vertiginoso que os presentes não sabiam como Johnson tinha perdido a vida... O pianista sentara-se novamente ao piano e havia começado a tocar, quando Morgan o interrompeu:

— “Basta de música”! — e apontou-lhe Johnson morto.

Todos ficaram em silêncio e não tardou a se ouvir a voz do chefe dos “gendarmes”, que gritava:

— “Todos em seus lugares! Silêncio! Ninguem se mova”!

— “Quem é ele”? — perguntou o piloto em voz baixa.

— “E’ o Capitão Renard, da Polícia Nacional”... — respondeu Gerard.

— “Como foi isto”? — perguntou Renard, apontando para o cadáver de Johnson.

— “Uma bala perdida”... — respondeu Gerard — “Chamava-se Johnson... era norte-americano”...

— “E’ pena”! — murmurou Renard em tom de zombaria, dirigindo-se aos gendarmes: — “Levem-no”!

Os guardas obedeceram e o Capitão parou no meio do salão, ordenando ao seu agente imediato:

— “Chamem-os á ordem”!

O subalterno obedeceu: — “Atenção! Atenção”!





Renard usando aquela vozinha hipócrita que mais parecia de quem eleva uma prece do que de um traidor, dirigiu-se aos presentes:

— “É lamentável tudo o que aconteceu, porém, não há motivo para alarmar. As autoridades só interessam as pessoas que transgrediram a lei. Dos presentes escolheremos alguns que deverão ficar. Os demais poderão retirar-se. Depois fecharemos o estabelecimento, isto é... nesta noite”.

O jactancioso Capitão Renard fez uma pausa assinalando a seguir Morgan, “Slim” e outros e disse em tom autoritário:

— “O senhor... o senhor... o senhor... e a senhorita”...

Os que deviam ficar eram: o piloto, Gerard, um jovem desconhecido e “Slim”. Os outros que haviam passado pelo susto causado pelo tiro, ao fugir foram se retirando em silêncio e, enquanto Renard percorria com a vista o salão e seus “gendarmes” revistaram a casa, para cercificar-se que não havia ninguém escondido, Morgan e “Slim” esperavam o que o destino lhes reservava, com aquela calma com que ambos encaravam todas as situações.

QUANDO os “gendarmes” deram por finda a busca no café e a calma voltou a reinar no salão, o astuto Renard começou o interrogatório.

Gerard respondia às perguntas do Capitão da seguinte maneira: — “Repito-lhe, Capitão Renard, que não sei os nomes dos desconhecidos que fugiram. Entraram e pediram bebidas... Isso é tudo o que sei”...

— “O senhor diz que não os conhece e eu pergunto-lhe:

— Qual é a sua opinião política?” — inquiriu Renard.

— “Estou agora e sempre pela ‘França’!” — exclamou, com entusiasmo, o “francês”.

— “Essá bem... Continue assim e ninguém o incomodará. Sem embargo, na próxima vez que gente suspeita chegar ao café, aconselho a nos avizar... assim evitará derramamento de sangue” — advertiu Renard.

— “Capitão, este é um estabelecimento público. Como poderei saber a identidade de pessoas suspeitas?” — continuou Gerard.

— “Estou certo de que o senhor sabe perfeitamente quaes são os suspeitos a quem me refiro... e não preciso dizer-lhe mais nada. Boa noite”.

Com estas palavras o Capitão deu por encerrado o interrogatório do dono do café e dirigiu-se para Morgan, perguntando-lhe:

— “... e o senhor Capitão Morgan... conhecia êsses homens?”

— “Não os conhecia” — respondeu laconicamente o piloto.

— “... e que relações mantinha com o morto?”

— “Fui lhe alugava a minha lancha para pescar”...

— “Por isso não duraria muito, porque em sua carteira havia uma passagem aérea para amanhã, ao amanhecer”... — continuou o Capitão — “Não havia dinheiro algum na carteira. Costumava ele andar assim?”

— “Oh! Ele tinha algum dinheiro... — disse com franqueza Morgan.

— “... e que fim levou esse dinheiro?” — perguntou, impaciente, Renard.

— “Está no meu bolso” — respondeu o piloto.

— “Porque o tem o senhor?”

— “Porque Johnson me devia mais do que o que possuía”...

— “Onde está o dinheiro agora?”

— “Repito que está comigo”.

— “Então dê-mo imediatamente” — ordenou Renard.

— “Mas êsse dinheiro pertence-me... o morto devia-me”...

— “Isso diz o senhor... de qualquer forma, entregue-me o dinheiro” — ordenou novamente o Capitão.

Morgan obedeceu e o sarcástico Renard lhe disse: — “Não se preocupe com o seu dinheiro... que agora está em poder de meu governo, que tal como o de seu país, está em paz com o resto do mundo... se ficar provado que o senhor é o legítimo dono, o dinheiro lhe será devolvido”.

Morgan ardia de raiva vendo aquele impostor obrigá-lo a entregar-lhe o que na verdade era seu, porém, Renard parecia indiferente a sua indignação e voltou-se para “Slim” com falsa cortezia:

— “Senhorita, como se chama?”

— “Marie Browning. Sou norte-americana. Tenho 22 anos. Cheguei de avião, esta tarde. Resido no Hotel Marquis...” — respondeu a pequena, convencida de que o Capitão não lhe perguntaria mais nada. Renard, porém, não se deu por satisfeito:

— “De onde veio?”

— “De Trinidad”.

— “E antes, onde havia estado? Talvez me responda que em sua

Continua na pag 34



VOZES E MELODIAS

UM SAMBA

OLÁ QUITANDEIRO!

(Altamiro Moreira e Rogerio Lucas)

Olá quitandeiro!
faz favor,
aquele recadinho
já não tem mais valor.
Eu briguei com a Dulcinéa
foi por causa de ciúmes.
De hoje em diante
você me leva os legumes,
está provado
que não era economia.
A moçama já voltou
para minha companhia.

Atise ao padeiro
que eu deixei a pensão.
Dulcinéa está em casa
pode me levar o pão.
O mais difícil
No rádio que eu venci
eu vou dar um geito.
No belchior do Salomão
quero ver se lá encontro
uma cama e um fogão
e "néca" de pensão.

UMA CANÇÃO

LILI MARLENE

(Versão do Capitão Furtado)

Lembro-me bem
daquele lampeão
junto ao quartel
ao lado do portão...

Lá me esperava sempre alguém
meu coração pulsava então,

ao ver Lili Marlene
ao ver Lili Marlene.

Mas o clarim
fazia-me sofrer
era hora enfim
de eu me recolher...

Dizia então: Adeus meu bem
Sei que estará
nos sonhos meus
Só tu Lili Marlene
Só tu Lili Marlene.

Agora aqui
eu fico a meditar
se ao quartel
jamais eu regressar
se haverá um outro alguém
junto ao lampeão
em meu lugar,
e tú Lili Marlene
e tú Lili Marlene.

Se eu morrer
ainda mesmo assim
o meu amôr
jamais terá um fim,
minh'alma então irá do além
junto ao lampeão
junto ao portão
p'ra ver Lili Marlene
p'ra ver Lili Marlene.

OUTRO SAMBA

JÁ VAI TARDE

Vai embora néga
já vai?
Já vai tarde.
Eu sabia com certeza
que este dia havia de chegar,
si quizer voltar amanhã



ARI BARROSO, É UM DOS EXPOENTES DE NOSSA
MUSICA POPULAR. A ELE DEVE-SE MESMO O
MUITO DE BELO QUE AS NOSSAS MELODIAS POS-
SUEM, TENDO O SEU NOME ATRAVESSADO FRON-
TEIRAS, COMO PORTADOR DA MENSAGEM SONORA
DO BRASIL. É PRECISO DIZER MAIS?

já volta tarde,
pois talvez encontre
outra néga em seu lugar.

Na segunda-feira você
chegou de madrugada
e na Sexta-feira quando
o dia amanheceu.
Fiquei zangado,
você me disse:
— Zangou-se tarde.
E agora quem diz o mesmo
Sou eu.

SEMPRE A BAHIA...

A Bahia, com suas figuras pitorescas, seus templos, seculares, suas comidas típicas, tão do agrado de quantos ali aportam, tem servido de motivo para toda uma série de inspiradas composições. Agora mesmo, Elvira Pagã, essa graciosa e apreciada intérprete de nossas melodias populares, cuja presença nos programas musicais do "broadcasting" carioca é sempre recebida com bastante simpatia pelo numeroso público ouvinte, vem de gravar mais um interessante número, por certo destinado a obter absoluto sucesso, o qual focaliza de maneira bem sugestiva um dos aspectos da conhecida terra do Senhor do Bonfim.

NA FEIRA DO CÁIS DOURADO, gostoso "samba-jongo" de Nelson Teixeira e Nelson Trigueiro, recentemente publicado numa bem cuidada edição da Fermata, do Brasil, ganhou na voz tropicalíssima dessa abalante figura das ondas hertzianas e das "boites" elegantes, uma interpretação à altura, resultando daí enorme interesse pela melodia, em apreço, ora abafando em

Guarujá onde Elvira Pagã realiza vitoriosa temporada.

A Cidade Maravilhosa, tão interessada pelas composições de sucesso, haja vista o caso de "Santa", que durante algum tempo manteve em suspenso os nossos cantores, logo seguido por "Granada", outra música de êxito no panorama musical do Rio, está se deixando levar pelo "samba-jongo", cuja letra é uma das mais bonitas que ultimamente tem aparecido nos arraiais da música popular brasileira.

Nelson Trigueiro e Nelson Teixeira, explorando um dos recantos mais pitorescos da "bôa terra", em sua composição, não poderiam deixar passar em branca nuvem o que de melhor encontraram na feira do Cais Dourado, razão porque eles assim nos contam sua aventura, nestes versos que a voz graciosa de Elvira dá um colorido todo especial:

"Tenho saudades do meu grande amôr
que ficou lá na Bahia,
na feira do Cais Dourado.
Comprava o que eu lhe pedia,
banana, laranja,

melão, cambucá,
pimenta de cheiro,
mingáu de cará.
E toda noitinha,
depois do café
na nossa casinha
no Largo da Sé,
catava o meu cafuné — (bis).

Meu amôr quando me via,
Credo, Cruz, Ave-Maria!
Na feira do Cais Dourado
andava p'ra todo lado,
batia com o pé no chão
e me dizia baixinho:
— Não deixa Bahia, não.
Não deixa Bahia, não.
Não deixa Bahia, não, ôi.

Mais uma vez o torrão de Rui Barbosa
inspira dois compositores... Mais uma
vez Elvira Pagã espalha pelo Brasil afora,
um "samba-jongo" que é todo vida em
sua voz bem nacional.

SIEUGIM

SWING - FAN

Por SYLVIO CARDOSO

OS GRANDES PIANISTAS DE JAZZ

Como tipo de pianista-solista Jess Stacy é o músico mais sério na atualidade. Joe Bushkin, grande admirador de Jess, e que com ele atuou regularmente em "jam sessions" e programas radiofônicos, conseguiu imitá-lo muito bem, porém sem perder sua personalidade.

Bushkin é agradável de escutar como pianista de orquestra, talvez onde melhor se entusiasme, logrando inspirar-se pelas improvisações de seus companheiros.

Magníficos exemplos do excelente trabalho de Bushkin podem se encontrar nos coros vertidos em "Strut Miss Lizzie" e "It's Right Here For You", por Eddie Condon and his Band (Commodore 530).

Bob Laine, suéco radicado nos EEUU, desde 1932, é atualmente o sucessor lógico de Joe Sullivan, a quem tratou de imitar, hoje o fazendo com perfeição.

Foi seu colaborador e seu amigo nesta tarefa, Folke Anderson, um notável violinista que causou sensação em Estocolmo relativamente ha pouco tempo, quando voltou dos EEUU tocando violino à maneira de Venuti.

Bob Laine possui uma técnica polida e o estilo de sua mão esquerda é bastante antigo e desusado, construindo geralmente as décimas ascendentes de Sullivan e Waller, enquanto a direita improvisa livremente os acordes muito bem distribuídos. Um disco de Bob Laine que não será difícil obter, é o que contém "Boogie Woogie" e "California Here I Come", por Ben Pollack's Pick A Rib Boys" (Odeon Arg. 284374), típicos momentos em que sua semelhança com Joe Sullivan é mais notável.

Outros registros como "Morocco" e "Colling Caroline", pelo mesmo conjunto, contém muito boas improvisações de Bob Laine, que com cortesia irão satisfazer aos entusiastas do piano -jazz.

DISCOGRAFIA DE DUKE ELLINGTON

Com a Jungle Band

— Brunswick

Yellow Dog Blues/Tishmingo Blues
Jubilee Stomp

Louisiana/Awful Sad
The Mooche
Tiger Rag (II Parts)
Harlem Flat Blues/Paducah
Rent Party Blues/Doin' The Voom Boom
Jungle Jamboree/Black & Blue
Jolly Wog/Jazz Convulsions
Sweet Mama/When You're Smiling
Admiration/Maori
Double Check Stomp/Accordion Joe
Wall Street Wail/Cotton Club Stomp
Dreamy Blues/Runnin' Wild
Wang Wang Blues/Home Again Blues
Rockin' In Rhythm/12th St. Rag

Com os Harlem Footwarmers

— Okeh

Diga Diga Do/Doin' The New Lowdown
Hot And Bothered/The Mooche
Harlem Twist/Move Over
Misty Mornin' /Blues With A Feelin'
Chicago Stomp Down
Snake Hip Dance/Jungle Jamboree
Syncopated Shuffle/Blues Of The Va-

bagond

melodias PARA VOCÊ

CORNS FOR MY COUNTRY

I'm gettin' corns for my country
At the Hollywood Canteen
The hardest Workin' junior hostess
You've ever seen
And I'm doin' my bit
Down there for Uncle Sam
I'm a patriotic jitterbug
Yes, that's what I am
I'm gettin' corns formy country
You should see the pounds fly
I'm gettin' down the waist line
And I don't even try
I don't need a Du Barry or a Hudnut course
Cause my weights been taken over
By the Army Air Force
I'm not exactly Ginger Rogers
But then do I care
Dancin' neath those GI shoes
Is not like dancin' with Astaire
The way those cowboys from the prairie
Expect me to sachet
I think I'd rather two step
With their horses any day
I'm gettin' corns for my country
Tho' the goin' is tough
When I think I can't go on
I find I can't get enough
So if you hear of a soldier
Sailor or marine
Tell 'em to look me up at the
Hollywood Canteen.

De Leah Worth,
Jean Barry,
Dick Charles
From Warner's —
HOLLYWOOD CANTEEN

WHAT ARE YOU DOIN' THE REST OF YOUR LIFE

What are you doin' the rest of your life
Have you any plans
I thought if you hadn't anything set
Maybe we'd get together
I got nobody, nonody's got me
My heart's fancy free, so
If you're not busy the rest of your life
Then, I'll keep you company.

De Ted Koehler e
Burton Lane — Da
fita UM SONHO EM
HOLLYWOOD

HOLLYWOOD CANTEEN

Manhattanites can brag of lights
And Boston has its bean
But on the Coast
We proudly boast
Bout the Hollywood Canteen
Where GI Joes forget the woes
Of Army life routines
From every camp for miles they tramp
To the Hollywood Canteen
Some famous band begins to jam
And everybody starts to whirl
A lucky bug can cut a rug
With his favorite pin up girl
The coffee pot is always hot
And are the doughnuts keen
To any, wet, an air cadet
A sailor or marine
The welcome mat says check your hat
At the Hollywood Canteen

By Ted,
Koehler,
Ray Heindorf e
M. K. Jerome

HOW LITTLE WE KNOW

Maybe it happens this way
Maybe we really belong together
But after all how little we know
Maybe it's juts for a day
Love is as changeable as the weather
And after all how little we know
Who knows why an April breeze never remains?
Why stars in the trees hide when it rains?
Love comes along casting a spell
Will it sing a song, will it say farewell?
Who can tell! Maybe you're meant to be mine
Maybe I'm only supposed to stay in your arms awhile
As others have done
Is this what I've waited for? Am I the one?
Oh! I hope in my heart it's so,
In spite of how little we know.

De Johnny Mercer e
Hoagy Carmichael —
Da película — UMA
AVENTURA EM
MARTINICA

VOODOO MAN

Voodoo man will rise
There's danger in the air
Black magic about
There's danger everywhere
Oh better watch out
The voodoo man waits lonely
Lonely and blue
The voodoo man waits only
Only for you
Get away white you may
From the gloom
Of the gray voodoo moon.

From "Hollywood.
Courteen"

Lazy Duke
Rocky Mountain Blues/Big House Blues
Sweet Chariot/Mood Indigo
King Dem Bells/Old Man Blues

— Columbia

Big House Blues/Sweet Chariot

Com os Warren Mills Serenaders

— Victor

St. Louis Blues/Blackbirds Medley

Com Joe Turner And His Memphis Men

— Columbia

Mississippi Moan-Freeze And Melt

Com os Gotham Stompers

— Variety

Did Anyone Ever Tell You/Where Are you
Alabama Home/My Honey's Lovin' Arms

Com os Harlem Hot Chocolates

— Hit Of The Week

Sing You Sinners/St. James Infirmary

Com os Harlem Hot Shots

— Perfect

Black And Tan Fantasy/Sugar Blues

Com os Lumberjacks

— Cameo

Black Beauty

Com os Mills' Ten Blackberries

— Velvetone, Cameo e Diva
Black And Tan Fantasy/Hot And Bo-
thered

Com os Memphis Hot Shots

— Harmony, Velvetone

I'm So In Love/I Can't Realize You
Love Me

Com The Dixie Jazz Band

— Oriole

Doin' The Voom Voom(Saturday Night
Function

SENSAÇÕES DE 1945

Não mereceu, afinal, toda aquela espe-
ciativa, este novo *flicker* do produtor daquele
memorável "Stormy Weather". Parece que

Publicidade para esta
revista em S. Paulo:

Tratar com

SEVERINO LOPES GUIMARÃES

Rua Alvares Pentead, 180

4.º andar. Sala 403

Telefone 3-2649.

coisa boa no genero, como TDR, não se faz
frequentemente.

As atrações desta película são as orques-
tras de Woody Herman e Cab Calloway e
os pianistas Dorothy Donegan e Gene Rod-
gers.

A banda de Herman é a que está melhor
apresentada, oferecendo, entre cinco ou seis,
dois numeros muito bons. Eles são: o boogie
do inicio e o fast executado enquanto a robusta
Eleanor Powell dança, fazendo a "bola" do
caça-niqueis. O conjunto está mesmo *in the
groove* no primeiro, salientando-se os pianos
e o baixo de Jackson. No rápido a banda
exibe seu possantissimo ataque e o tenorista
Phillips tem a oportunidade de evidenciar sua
grande classe, num pequeno solo. "Spin Lit-
tle Pin Ball", "Penny Arcade" são os comer-
ciais executado pela *crew* de W. H. que
vocalisa o primeiro em companhia da *lady
singer* Betty Dell.

A turma de Calloway apresenta duas
especialidades: "The Cats Shall Hes Ya" e
"Mr. Hepsters Dicionary", veículos para
o lider exibir seus excêntricos *vocals* e suas
qualidades de "contorsionista". O conjunto
como sempre jumps intensissivamente. O
ritmo liderado pelo jovem baterista J. C.
Heard, potente.

Um bom numero é o que oferecem o
casal de pianistas Dorothy Donegan — Gene
Rodgers, em uma atômica versão da "Rapsodia
Hungara" de Litz. Ambos competentes ins-
trumentalistas. Em suas execuções se pode
ver perfeitamente a visível influência de Wil-
son e Hines, respectivamente.

Toma parte tambem a macrobia Sophie
Tucker, cantando um velho numero de seu
conhecido repertorio (Mammy O'Mine) e
outro que não conheciamos: "You Can't Sew
A Button On A Heart", uma série de conse-
lhos ás fans de St. Antonio que, entretanto,
perderam 90% do interesse devido as infamé-
rimas legendas do tradutor(?). E ao piano
alí estava o "velho" Ted Shapiro, que a acom-
panha ha mais ou menos um quarto de século.

OUVIMOS...

4 —Prelude To A kiss — Johnny Hodges
(Okeh)

3 —9,20 Special — Orq. Leonidas Autuori
(PRE-3 — 29, 10, 45)

3 —Honeysuckle Rose — Carlos Machado
(Urca, 26, 10, 45)

3 —Irresistible You — Frances Wayne com a
Orq. Woody Herman with Johnny
Hodges — Ben Webster (Odeon)

3 —Si Tu M'Aaimes — Jean Sablon & Gar-
land Wilson (Columbia)

3 —Ballad In Blue — Benny Goodman
(Victor)

2½—One Two Three Four Jump. Orq. Dedé
(Avenida 22, 10, 45)

2½—Sweet Sue — Orq. Nanai (Ipase 27,
10, 45)

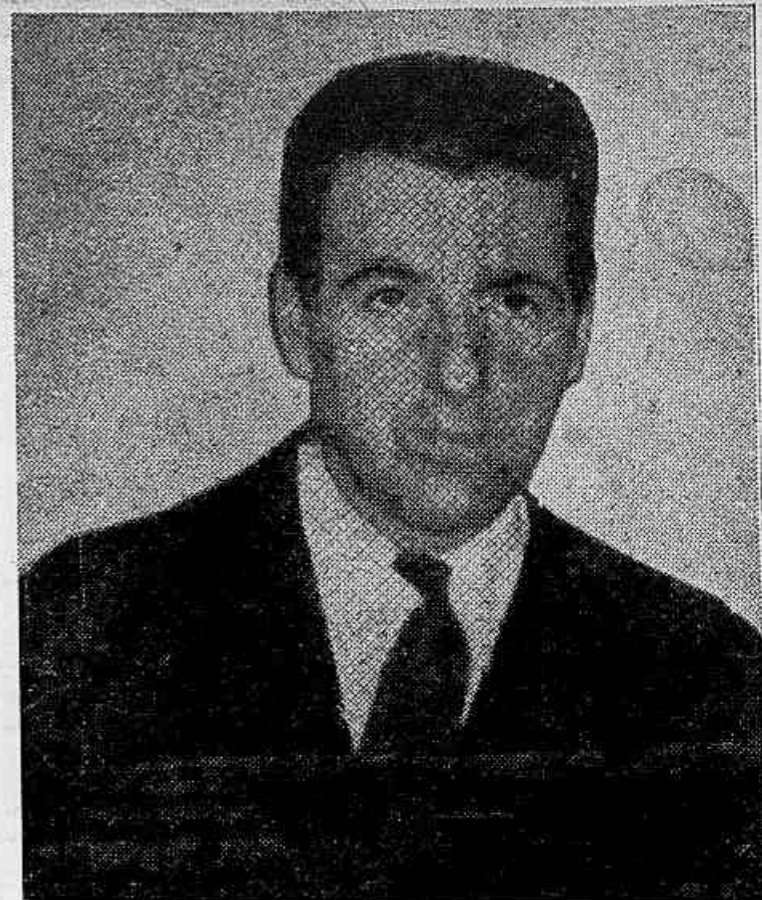
2 —Trumpet Blues — Orq. Napoleão Ta-
vares (Tijuca 28, 10, 45).

CORRESPONDENCIA

DIVA SANTOS (São Paulo) — Russel nas-
ceu em 1919. A gravação da dupla, que se
reúne pela primeira vez na cera, é bem interes-
sante. E parece que eles perpetuamente jun-
tos, JG e BC, mais seis ou sete lados para a
mesma etiqueta. Gratos.

ALDRICO TROVÃO (Rio) — Não mandamos
letras pelo correio. Queira consultar a rela-
ção das atrazadas (edição do dia 9 de Outubro)
e adquirir o numero respectivo em nossa ge-
rência: Visconde de Maranguape, 15, Rio.

NELLY (São Paulo) — 1.ª) Mexicana
2.ª) Melhores: Creole Rhapsody, Black And



JESS STACY.

Tan Fantasy, The Mooche, It don't Mean
a thing, Delta Serenade, Stomp Jones, Buf-
fet Flat, Bojangles, Canga Brava, Cotton Tail,
Reminiscing in Tempo, Perdido, Take the
A Train, Things ain't what they used to be,
as melhores. 3.ª) Não temos a bio, no momento.
A discografia aguarda a vez. Dona Nelly
dispõe-se a trocar correspondencia com os
interessados em jazz e cinema. Cartas para:
Nelly Braguim — Rua Marquês de Itú, 318.
São Paulo — Capital.

Vic (São Paulo) — A discografia deverá
saír breve. 2.ª) I wish I Knew e The More
I see you. 3.ª) Não temos o pessoal de James,
no momento. 4.ª) Capitol Records, 1481 N.
Vine St. Hollywood, California, USA. 5.ª)
Não. 6.ª) Desde 1939.

MARCOS A. RISO (São Paulo) — O solista
parece que é Miff Mole. 2.ª) O jazzman citado
por Panassié, deverá estar ainda no Cairo,
esperando por um *talent Scout* salvador. Não
sabemos se ele gravou em marcas africanas
ou européias. 3.ª) São todos, com exceção
de Simeon, deste século. 4.ª) Harris ainda que
às vezes demasiadamente excêntrico, é um
dos grandes valores da nova geração trombo-
nística. 5.ª) *Trams*: Trummy Young, Harris.
Petes: Shavers, Dizzy Gillespie, Emmett Ber-
ry. 6.ª) E' sempre assim, mesmo. No inicio,
nos entusiasmos pelos falsos valores.

Nada a agradecer; a satisfação maior foi
nossa, em constatar mais uma "conversão".

Adquira o direito de ser jovem e bella
usando VELAS ANTISSEPTICAS



EM TÓDAS AS FARMÁCIAS E DROGARIAS DO BRASIL



Farei teatro pela arte, — diz Eugenia Levy ao nosso redator.

A apresentação, no Fenix, pelos artistas da Sociedade Amigos do Teatro, da peça de Rudolf Bester, "A família Barrett", trouxe ao público que frequenta o já popularíssimo "Teatro das Segundas-Feiras", uma surpresa: o debut de Eugenia Levy no papel difícil de Bela Hedley. O que foi a atuação da jovem artista nesse papel, diz melhor a crítica especializada que, firmada pelos nomes mais conceituados, foi unanime em ressaltá-la como uma das mais destacadas. Com efeito, Eugenia Levy, que é muito jovem ainda, pois tem apenas 17 anos de idade, mostrou-se tão bem identificada ao papel a si confiado que não parecia uma estrejante. Isso lhe valeu uma consagração da plateia que assistiu á *primiere* de "A família Barrett", e os melhores estímulos dos seus próprios colegas e orientadores, incluindo-se entre eles Ziembinsky e Maria Sampaio. Eugenia Levy merece, pelo seu aludido trabalho, um lugar de realce dentro do nosso teatro, onde, como já se teve ensejo de dizer, ha uma crise de valores novos e, sobretudo, de caras bonitas para os papeis do genero "ingenua". Eugenia reúne todos os requisitos exigidos para triunfar no teatro profissional: além de jovem, é bonita, talentosa e atúa impulsionada por grande vocação.

CINCO ANOS NO PALCO E NO RA'DIO

A carreira de Eugenia Levy, entretanto, não começou agora, embora possamos dizer, sem nenhum embargo, ter sido esta a primeira vez que ela faz teatro na acepção da palavra. Ou melhor: é a primeira vez que Eugenia Levy atúa entre adultos e profissionais. Para chegar á perfeição apresentada na composição do papel de Bela Hedley, como vimos em "A família Barrett", Eugenia Levy mostra na sua fé de officio cerca de cinco anos de atividade, no teatro e no rádio. Seria interessante fazer um retrospecto da carreira de Eugenia, pois acreditamos que ela, muito breve, ganhará renome nos meios artisticos do país, pois, ante á manifestação da crítica, alguns empresarios mostram-se interessados na aquisição desse novo e tão interessante elemento. E' possível, que na atual temporada, que já se encontra em vias de finalizar, Eugenia per manença apenas fazendo teatro sob os auspícios da Sociedade Amigos do Teatro e na PRA-3 como rádio atriz, dando cumprimento ao contrato que mantém com essa emissora. Para o ano, entretanto, não duvidámos em ver Eugenia Levy integrando, como figura de realce, algum dos bons elencos, fazendo teatro como profissional. Aliás, ela espera apenas que sejam resolvidas certas questões de ordem sentimental, sobretudo, no que diz respeito á sua família, que não vê com bons olhos o seu ingresso no teatro, para tomar uma resolução definitiva nesse sentido.

— O que fôr, ha de soar mais tarde... disse-nos Eugenia quando a interpelamos sobre a possibilidade de ingressar no teatro profissional.

A bôa arvore frutifica...

O TEATRO INFANTIL, DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÍTICOS TEATRAIS, DÁ O SEU PRIMEIRO FRUTO: EUGENIA LEVY — A CONSAGRAÇÃO DE UMA ESTRÉIA — A DEBUTANTE DO "TEATRO DAS SEGUNDAS-FEIRAS" FALA A "A CENA" SÔBRE SUA CARREIRA E SEU IDEAL DE ARTE — ESPERANDO, MAS SEM PRESSA

NO "PROGRAMA INFANTIL" DA GUANABARA

Conforme dissemos linhas atrás, Eugenia Levy iniciou sua carreira, há anos, garota ainda, no programa infantil da PRC-8, sob a direção de Dr. Alberto Manes. No começo, Eugenia cantava. Mais tarde, entretanto, pela iniciativa do compositor Gato Felix, ela foi incluída num pequeno *cast* para fazer rádio-teatro.

Aos doze anos, ingressou no elenco do conhecido Teatro Infantil da Associação Brasileira de Criticos Teatrais. Esse teatro, feito exclusivamente por crianças o para crianças com a finalidade de criar no publico infantil amor pelo teatro, formando as platéias do futuro, vem sendo mantido por aquela Associação com grande dedicação de parte de seus orientadores e dirigentes. Foi aí, sob os cuidados do Prof. Olavo de Barros, ensaiador do elenco infantil, que Eugenia Levy recebeu os primeiros rudimentos da arte de representar. Ela mesma, na entrevista que nos concedeu, há dias, após o espetáculo de segunda-feira, no Fenix, assim se expressa a respeito:

— Até então, eu só havia trabalhado em rádio, no "Programa Infantil" da Guanabara. Foi, pois, o Olavo de Barros que guiou os meus primeiros passos no palco. Trabalhei em quasi todas as peças representadas pelo Teatro Infantil, no Teatro Carlos Gomes, até que, já bastante desenvolvida fisicamente, fui designada não mais para fazer papeis infantís, mas outros adequados ao meu fisico e idade.

A PRIMEIRA PROPOSTA

— Um dia, quando era representada no Carlos Gomes, a peça "A bela adormecida", ria qual fazia o papel de uma acafata da princesa, fui procurada, findo o espetáculo, por Mario Salaberry, o qual me propoz ir trabalhar, como profissional na sua Companhia em organização. Fiquei satisfeita com a proposta e estava disposta a aceitar. Meus pais, porem, antes que eu vôasse muito alto, trataram de me cortar as asas... Nada feito.

— Por que? perguntamos. Seus pais não gostam de teatro?

— Gostar, gostam. Eu, porem, naquela ocasião, isto é, há mais de dois anos, tinha apenas 15 anos e estudava. Fazia regularmente um curso comercial na Escola Superior de Comercio e o papai achava que eu devia primeiro terminar o curso para depois então pensar no teatro. Em vista disso, não pude entrar em bom entendimento com o ator Mario Salaberry. Isso, porem, serviu de incentivo, pois, se Mario pretendia o meu concurso, certamente já porque encontrou no meu trabalho alguma coisa que justificasse esse interesse.

DA TUPI' AO RA'DIO-CLUBE, VIA NACIONAL

Como não podia pensar no teatro, resolvi dedicar-me ao rádio. Por intermedio de Olavo de Barros, naquele ano, arranjei um contrato com a Tupi para atuar nos programas rádio-teatrais. Como era ainda muito jovem, o Olavo só me entregava papeis de criança. Ora, isso me aborrecia bastante. Eu já estava uma môça feita, e a minha voz já se mostrava plasmada definitivamente. Não possuia mais o timbre infantil. O Olavo, porem, não queria saber das razões de minhas queixas e continuava a me tratar como se fôra uma criança.

— E daí? insistimos com Eugenia...

— Daí surgiu em mim o desejo de mudar de onda. Pensei com os meus botões: quem sabe se não serei mais feliz noutra estação? Pensando nisso, tratei de pôr em execução a idéia e, dias depois, após ter me submetido a um *test* de voz, fui contratada por Vitor Costa para trabalhar na Nacional. Esse foi um dia de festa para mim...

— E foi feliz na Nacional? — indagamos de nossa graciosa entrevistada.

— Também não. O Vitor, como antes fizera o Olavo, só via em mim a garota e não a môça. Por mais que eu fizesse ver que minha voz já possuia padrão definitivo, ele não quiz acreditar e continuei a fazer papeis de criança.

(Continua no próximo número)

Eugenia Levy lê o ultimo numero de A CENA. Ela está interessada pelo cinema, revelando-nos que, brevemente, vai fazer um "test" na Atlantida.



as cotações DA SEMANA

1 - REGULAR :-: 2 - BOM :-: 3 - MUITO BOM :-: 4 - OTIMO

(Comentários de D. G.)

ADORAVEL ENGANO

2

Título original: Practically Yours.
Produtor: Paramount.
Direção: Mitchell Leisen.

INTERPRETES:

Claudette Colbert, Fred Mac Murray, Gil Lamb, Cecil Kellaway, Robert Benchley, Tom Powers, Jane Frazee, Rosemary De Camp, Isobel Randolph, Mikhail Rasumny, Tom Kennedy, Arthur Loft, Claude Allister.

Censura: Livre.

Esta nova comédia de Norman Krasna, na tela, não é o que poderia ter sido, justamente por causa da dupla romântica, aliás reunida num celuloide da "marca das estrelas" pela quarta vez — a primeira e a segunda dirigidas por Wesley Ruggles, a terceira e esta de agora, dirigidas por Mitchell Leisen — desta feita, porém, mal escolhidos Claudette e Fred para os personagens que interpretam, principalmente ela, que já não é mais aquela Claudette de "Aconteceu naquela noite"... ambos muito diferentes dos namorados que comiam pipócas no banco de jardim, em "O lírio dourado... Claudette Colbert não convence na falsa "Peggy" e a verdadeira — a cachorrinha — só não "rouba" o filme porque nele há aquele fofo grafo feito por Mikhail Rasumny, a melhor cousa do celuloide e mais engraçado que o próprio Gil Lamb, na sequência do beijo, divertida e fina. Fred no princípio, isto é nas primeiras cenas com Claudette, está duro, indiferente ao papel, dando a impressão de canastrão, em dia de estréia

de peça nova, sem ter estudado o personagem. No entanto, a comédia de Krasna teria resultado numa grande comédia, com outros interpretes. Claudette e Fred evidenciam um engano... maior que o do argumento. Outro tipo mal escolhido é o de Robert Benchley no juiz. Entretanto, apesar dos pezares, o filme tem os seus bons momentos, como o do cinema, com a conversa dos namorados e a bofetada de Tom Kennedy, a canção de Jane Frazee, e o episódio com Rosemary De Camp. Mitchell Leisen fez o que pode. De qualquer forma constitui boa diversão. Pensem, entretanto, no Fred Mac Murray e Claudette do tempo de "O lírio dourado". Principalmente nela, para levar a sério o romance do aviador com a namorada desconhecida...

PAIXÃO DE OUTONO

1

Título original: Blonde Fever.
Produtor: M. G. M.
Direção: Richard Whorf.

INTERPRETES:

Philip Dorn, Mary Astor, Felix Bressart, Gloria Grahame, Marshall Thompson, Curt Bois, Elisabeth Risdon, Arthur Walsh.

Censura: Livre.

Mais uma peça de Ferenc Molnar no cinema. Mais um ator por sinal que um ótimo ator por seus trabalhos em "Fogo sagrado", "A Cruz de Lorena", etc. — Richard Whorf, que troca a profissão de representantar pela profissão de diretor... Entretanto, nem a peça de Molnar, nem o novo diretor, apresentam um celuloide bom. Dick está longe — pelo menos neste filme, pois dirigiu outro com June Allyson e Robert Walker — dos diretores de "shorts" de Culver City que passaram para a grande metragem (Fred Zinnemann, Jules Dassin, Frank Wilcox, etc.) Narrativa teatral sem tratamento adequado. Gloria Grahame é a "loura" do título. Philip Dorn — recordam-se de "Os mistérios da Índia" e "Sepulcro indiano"?... — o marido enamorado da empregada. Mary Astor, a esposa. Mary num filme com o título que lhe arranjaram para o Brasil, lembra um de seus grandes papeis: "Fogo de outono"...

OS AMIGOS DA ONÇA

1

Título original: The Naughty Nineties.
Produtor: Universal.
Direção: Jean Yarbrough.

INTERPRETES:

Bud Abbott, Lou Costello, Alan Curtis, Rita Johnson, Henry Travers, Lois Collier, Joe Sawyer, Sam Mc Daniel.

Censura: Livre.

Abbott e Costello estão terminando do mesmo jeito como principiaram, em "Noite tropical" e outros filmes incríveis. Depois, agradaram porque lhes deram melhores argumentos. Entretanto, de uns tempos para cá, principalmente dirigidos por Jean Yarbrough, acabaram cansando os "fans". Bud é um comico comum, Lou, engraçado. Juntos, agradam, porém os argumentos que vem lhes arranjando são verdadeiros "amigos da onça" da sua popularidade. Por que o estúdio não os aproveita melhor? Será que já não são tão populares nos EE. UU? Salva-se apenas um ou outro "gag". "Segure o fantasma" e "Pistoleiros sem pistola" eram super-produções perto desta...

Metrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

SOFRE DÓ FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

CARNEIÃO DO "FAM" DE RÁDIO TEATRO



LARANJAIS EM FLÔR

NOVELA DE
TEIXEIRA PINTO

SEGUNDAS
QUARTAS

SEXTAS
ÀS 10 HS.

VENENO

NOVELA DE
CARLOS MEDINA

SEGUNDAS
QUARTAS

SEXTAS
ÀS 11.30 HS.

• O FANTASMA VOADOR

DE SEGUNDA
A
SEXTA FEIRA
ÀS 18.25 HS.

MISTERIOS DO CAMIZEIRO

COM O
DETETIVE
X-9

SEGUNDAS
QUARTAS
E SEXTAS
ÀS 18.45 HS.

HISTORIAS
POLICIAIS
COMPLETAS

UM RISO DE MENINA



A MAIS BONITA HISTORIA DE AMOR
DE AMARAL GURGEL

TERÇAS
QUINTAS
E SABADOS
ÀS 20.30 HS.

AVENTURAS DE FRANCK VERNON

DE
AMARAL GURGEL

AOS
DOMINGOS ÀS
10 HS.

TEATRO EUCALOL

PEÇAS ESCOLHIDAS
QUARTAS-FEIRAS
DAS 21.35 ÀS 22.35 HS.

SENHORIS DO OURO

NOVELA
DE SILVIA
AUTUORI
TERÇAS
QUINTAS
SABADOS
ÀS 10 HORAS

MAR MORTO

NOVELA
INSPIRADA
NO ROMANCE
DE GEORGE AMADO
TERÇAS
QUINTAS
SABADOS
ÀS 11.30 HS.

DIREÇÃO GERAL DE AMARAL GURGEL

Radio GLOBO

PRE 3 1.180 QUILOCICLOS

ELZA SARAIVA MONTEIRO (S. Paulo) — 1.º chama-se Tom Drake. 2.º — Sim. 3.º idem.

Estreias dos Fans

ARNO SMITH (Porto Alegre) — 1.º Ela não voltou ao cinema. O filme "Cinderella Swing" já foi exibido (1943) com o título "O canto da vitória". Foi dado como novo por um engano do nosso redator que entrevistou a "estrela". 2.º — Apenas alguns da Metro. 3.º — Quando vier uma boa foto. 4.º — "O ébrio" e "Loucos por música", da Cinédia, e a nova produção da Atlântida, cujo título não nos recordamos no momento. 5.º — A produtora não diz nada... Ou muito nos enganamos ou o amigo é o Arno que aqui esteve em 1932, nosso velho companheiro



de Pelotas... Será coincidência de letra? Porque não nos escreveu mais?

L. N. — Gostou da capa de 30/11? Sairão outras... O filme citado já passou. Só publicamos fotografias inéditas.

JACINTO GUIMARÃES FERREIRA (S. Paulo) — Infelizmente não cedemos fotografias de nosso arquivo... Cremose, ntretanto, que o snr. poderá conseguir o que deseja, nas agencias distribuidoras americanas, aí em S. Paulo.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crimes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o crême de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este crême, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Crême de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Crême de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

NILCE CARVALHO (S. Paulo) — Charles 20th-Fox. Gene, Johnson e Greer — Metro. Ingrid — RKO-Rádio. Escreva diretamente ao nosso colega de "Swing fan" sobre as letras.

MARIZA RIOS (João Pessoa) — 1.º — Bill Carter. 2.º — Donald Woods. 3.º — Richard Cromwell.

FERNANDO DE CASTRO (Santo Angelo) — Repetimos porque os leitores pedem Deanna e conseguimos sempre retratos novos. Ela continua sendo uma das mais populares artistas do cinema. Bette sairá breve, em belo retrato. Aguarde. Não foi esquecimento, mas falta de boas fotos... Ela ganhou apenas duas estatuetas, da Academia e não diz... Foram ganhas — a primeira por seu trabalho em "Perigosa", a segunda por sua inesquecível "Jezebel". Preferimos datilografado (com espaço dois). Acrósticos, não. Hedy — Metro. Não precisa enviar selo. Não incomodou nada...

HEYDE HELENA SOLIMAR (S. Paulo) — 1.º — "Alma torturada", "Capitulou sorrindo", "Irmãos em armas", "Nunca é tarde". 2.º — Não sabemos. 3.º — Muitos: Bob Montgomery, Douglas Fairbanks, Cesar Romero, Clark Gable, Robert Taylor, etc. Já voltaram: Gable e Cesar, entre outros. 4.º — "O Rei do Jazz". 5.º — Oportunamente..

AMFLINHA (Rio) — Oportunamente.. No momento não temos bons retratos. Idem sobre as biografias. Então, a foto fez sucesso? Tinha que fazer, não é verdade?

CLIMA DE OLIVEIRA (Lourdinha), — Quando tivermos fotos novas.

ROSÁ MÀRIA (Recife) — Trabalha em varias fabricas. Pode, porém, escrever-lhe para o estúdio da Columbia. Em português mesmo. A foto, oportunamente.

IVENS DANTÉS (Belo Horizonte) — Oportunamente. Vamos organizar um serviço para atender os leitores.

NELSON CERIANI BRAGANÇA (Rio) — Oportunamente. E. T. I. D. (aliás "A nave de Satan") e S. L. P. — da Fox. C. B. — First National.. G. E. — Paramount.

A. P. (Rio) — Gostou da capa Oportunamente, sairá outra. Sua letra não é nossa desconhecida...

CATITA (S. Paulo) — 1.º — "Duas vidas", "Noite de pecado", "Corações humanos", "E o amor voltou" 2.º — Oportunamente. 3.º — Talvez na agencia da Metro, aí 3.º — Escrevendo-lhes para o estúdio da M. G. M. 4.º — Não nos lembramos, de momento.

DROMAR AUGUSTO (Juiz de Fora) — 1.º — Oportunamente. Depende de arranjos um bom retrato 2.º — Sim, está esperando... O menino é seu sobrinho. 3.º gostou da capa, há pouco publicada? A biografia também, saíu, ha poucos meses.

FANTAMARA (Santos) — Tirou o pseudônimo do livro...? Infelizmente não temos foto nova. Ela só fez aquele filme com Gregory Peck.

NANCY B. LAVIGNE (Rio) — 1.º — Jean e James estiveram na guerra. Ela não tem trabalhado. Voltarão breve, naturalmente. 2.º — Não nos consta que tenha falecido. 3.º — Não sabemos. 4.º — Apenas deixou de sair o título. Os retratos continuaram... 5.º — As fotos centrais voltarão.

NINA ROSA (Maceió) — cremos ser difícil. Essas fotos são do material de publicidade dos cinemas. Tente conseguir na agencia Paramount local.

DAISE (S. Paulo) — 1.º — Orson não é irmão de Bob. 2.º — Não sabemos. 3.º — Parece que sim... 4.º — "Gilda". Não saiu porque não recebemos nhuma foto. Mas, provavelmente, ainda sairá. 5.º — Oportunamente. Talvez fique. Ela já apareceu num antigo filme de Kat Hepburn. Só respondemos cinco perguntas de cada vez.

NILSON BAUER (Curitiba) — 1.º — Os artistas não fornecem seus endereços particulares. O estúdio dela é 20th-Fox, Beverly Hills, Hollywood, California, U. S. A. 2.º — Foi Farley Granger. O estúdio é o mesmo acima.

HURRELL (C. Jordão) — O endereço do estúdio é N. Formosa Avenue, Hollywood. Patricia — Metro. Teresa — RKO. Martha — Warner. O de Jane não sabemos.

JOVELINA BASTOS DE OLIVEIRA (Campos) — Quando tivermos um bom retrato. A biografia oportunamente. Pode escrever em português mesmo. O estúdio dele é o da Warner.

MARIA COELI DE A. LOPES (Niterói) — E' o estúdio da 20th-Fox.

SARKIR (Caxambú) — Não possuímos o endereço pedido. Poderá escrever em português. Ela já deixou o Rio.

DORENY IRENE (S. Paulo) — A pessoa que lhe respondeu fazia interinamente a seção e não trabalha mais nesta revista. Não sabemos a quem se referia. Cremos, entretanto, que não se tratava do seu artista favorito.

MARIA FERREIRA (Porto-Alegre) — Tem direito, sim... Oportunamente (depende de fotos novas) satisfaremos seu pedido. A sugestão é interessante, mas impossível no momento. Entretanto, talvez mais cedo do que julga, brindaremos os "fans" com o que sugere... idéia que cogitamos realizar de há muito... de forma ainda mais interessante do que imagina!

GERALDO (S. Paulo) — Pode contar com as informações que pudermos fornecer-lhe, porém... por intermedio desta seção. Só podemos ficar satisfeitos sabendo que a maior parte do seu arquivo foi conseguido através de nossas páginas.

AUGUSTO PERONI JUNIOR (São Paulo) — June Allyson nasceu em Westchester, New York. Trabalhou em teatros da Broadway antes de entrar para o cinema. Já fez os seguintes filmes: "Louco por saias", "A Filha do Comandante", "Rainha dos Corações", "Dê-se com a gente", "Duas garotas e um marujo", "Música para milhões", "For Better, for worse." E' casada com Dick Powell.

MARIA ISABEL (Distrito Federal) — A colaboração será aproveitada.

BRAZ MAIMONE (Leopoldina Minas) — Escreva para a Paramount, Metro ou RKO Rádio, companhias para as quais trabalha sua artista predilêta.

FAZIA O AMIGO FAZ

NÃO ADIANTA CHORAR

Foram necessárias duas vezes para que eu assistisse a "Não adianta chorar", afim de poder escrever alguma coisa sobre o mesmo.

Antes de tudo, quero dar à Atlântida os meus sinceros votos de prosperidade, e que, sempre, ofereça ao público brasileiro filmes que estejam permanentes na sua lembrança.

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

CINE-ROMANCE

(Continuação da pag 25)

casa, ao lado de seus pais..." — disse o Capitão, com evidente incredulidade.

— "Não... Antes havia estado no Brasil. Vim do Rio de Janeiro"...

— "Sózinha"?

— "Sózinha".

— "E que veio fazer aqui"?

— "Comprar um chapéu" — respondeu com a maior naturalidade, "Slim".

Vendo que Renard e seu ajudante demonstravam não acreditar nas suas palavras, "Slim" jogou sobre a mesa o seu "beret" que levava a etiqueta do estabelecimento em que o havia comprado. Renard examinou o "beret". Fitou "Slim", com aquele sorriso cinico que o tornava tão odioso e lhe disse:

— "Não havia duvidado de sua palavra, senhorita. Porém... volto a perguntar-lhe:

— Por que veio para cá?

— "Porque não tinha dinheiro para seguir para nenhuma parte" — respondeu seriamente a pequena.

— "Esta explicação me satisfaz... e onde se encontrava a senhorita, quando principiou o tiroteio"?

— "Eu estava"... — começou "Slim", porém Morgan cortou-lhe a frase e aproximando-se dela, disse-lhe com firmeza: — "Não tens que responder a essas perguntas".

— "Cale-se! — rugiu um gendarme" que parecia não ter outra preocupação senão insultar todo o mundo.

Apezar disso Morgan insistiu com "Slim" para que ela não respondesse a pergunta e o guarda levantou a mão e deu uma bofetada na face de "Slim". Morgan ficou rubro de raiva.

"Porque não faz o mesmo a mim?"

O Capitão Renard interviu:

— "Morgan: não queremos brigas. Tudo o que nos interessa é averiguar o que se relaciona com o caso.

E o interrogatorio continuou, com a monotonia característica, até que "Slim" e Morgan conseguiram sair dali. A caminho de casa, "Slim" disse ao piloto:

— "Na verdade, não compreendo tudo isto".

— "Pois é bem simples, "Slim": Esses cavalheiros de quem nos acabamos de separar, uniram-se ao governo de Vichy... e digo "cavalheiros" para não dizer outra coisa... compreende?"

— "Bem... mais ou menos" — respondeu a pequena com indiferença.

— Os "outros"... aqueles sobre os quaes estes disparavam, são os franceses livres".

— "Ouve, "Stevens" — em vez de esclareceres a situação, a tornas mais turva com cada palavra que dizes"...

Morgan pôs-se a rir e tratou de explicar mais claramente a "Slim" qual era a situação dos patriotas partidários do General de Gaulle e dos que colaboravam com Vichy. Assim, andando dirigiam-se para o Hotel, quando encontraram Eddie, o amigo fiel de Morgan, que lhes disse ter sabido do que acontecera no café e ficado muito preocupado. O piloto tranquilizou-o e o dialogo terminou com Eddie pedindo dinheiro a Morgan para tomar um trago, como sempre acontecia, já que Eddie não pensava em outra coisa senão em beber a todas as horas...

(Termina no próximo número)

Quanto aos artistas que se apresentaram em "Não adianta chorar", os mais destacados foram Grande Otelo, que roubou o filme para si e arrancou gargalhadas de toda a platéia, e Oscarito, muito interessante nas cenas da aula de bailado e da bebedeira, pela madrugada.

O "show" apresentado foi bem agradável, porém devia haver mais vida, por parte dos seus intérpretes. No entanto, o ponto alto do espetáculo foi o Grande Otelo, quando apareceu fantasiado; ninguém ficou sério, quando o melhor comico do cinema brasileiro entrou em cena.

Mary Gonçalves é uma artista que muito promete; se fôr bem aproveitada, irá longe. Enquanto isto, o Sr. Ernani Filho

deve procurar outra profissão, que não seja cinema.

A sambista Linda Batista, de quem sou fan, com um turbante; do tamanho dos ide Carmen Miranda, pesando na sua cabeça, quando cantou "Coitado do Edgar", parada estava, imóvel ficou. Se, em lugar de Linda, fôsse Carmen!...

A última cena, que mostra o "frevo" e o "passo", causou grande interesse aos pernambucanos para assistirem duas ou três vezes ao citado filme.

Por falar nisso, li, ha poucos dias, em o n.º 32 de *A Cena*, uma crítica sobre o filme em questão, na qual o senhor Hernani Ferreira, de São Paulo, apontou a cena do "frevo", como um dos defeitos apresentados em "Não adianta chorar". Nela, diz o referido articulista que a cena é muito longa e que perde todo o efeito. Talvez o sr. Hernani assim se expressasse porque, é bem possível, não tenha vindo ainda a Pernambuco para ver, de perto, o que é brincar carnaval. O sr. Hernani haveria de encontrar muitos balizas, inclusive eu, pulando nas ruas e

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

JEFF...

(Continuação da pag. 22)

Gordon, um dos "executives" da Columbia, a viu ali representando e imediatamente ofereceu-lhe um "test". Aprovado este, a companhia quiz contratá-la. Porém, Jeff adiou a assinatura do contrato até que passasse o inverno de 1941. E' que ela não queria ir para Hollywood até que a cegonha lhe trouxesse Mickey Finn, um garotinho de bochechas rechonchudas e rosadas que é o seu maior tesouro...

O primeiro filme em que Jeff tomou parte foi "Solteiras ás Soltas", com Rosalind Russell, Brian Aherne e Janet Blair. Depois dele já apareceu em mais dez, sendo o de Irene Dune o décimo-segundo.

Jeff Donnell e William Anderson constituem um dos mais felizes casais da terra do cinema e Mickey Finn garante a perenidade desse casamento perfeito. Jeff é morena, de cabelos castanhos escuros e olhos de amendoa. Apenas no nome, lembra o veterano herói dos desenhos animados de Bud Fisher...

ROUGE e BATON
Nivra
DOIS SEGRÉDOS de BELEZA

nos clubes, ao som de um "frevo" bem mexido. Todo pernambucano gostaria que a cena se prolongasse um pouco mais. E é só.

Que a Atlântida nos dê, todo ano, filmes com música pernambucana, para que o sulista saiba como o povo de Recife brinca, durante o carnaval, é o que desejo. — LUIZ FRAGOSO (*Recife*)

A CENA

Propriedade da Companhia Editora Americana. Diretor: Grátuliano Brito. Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. Tels.: 22-2622 (Direção), 22-4447 (Redação), 22-2550 (Administração e Publicidade). Endereço Telegráfico: "Revista". Número avulso em todo o território brasileiro — Cr\$ 1,50; Assinatura: Anual (52 números), Cr\$ 63,00; Semestral (26 números), Cr\$ 32,00. Registrada: Anual, Cr\$ 80,00; Semestral, Cr\$ 40,00. Estrangeiro: Anual, Cr\$ 170,00; Semestral, Cr\$ 90,00. Número atrasado, Cr\$ 2,00. A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados. Representantes de "A Cena Muda": S. PAULO, Para publicidade, Severino Lopes Guimarães, Rua Alvares Penteado n.º 180, 4.º andar, sala 403, telefone 3-2649; para venda avulsa, Rua D. José de Barros, 323, Tel. 4-7866; BAHIA, Joaquim M. Cunha Praça Castro Alves; Correspondente em Salvador, Geroncio M. de M. e Silva, Edifício da Associação Comercial; ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE, S. S. Knoppe & Co., Times Building, New York City; PORTUGAL, Agência Geral de Publicações, Rua do Arsenal 84, Lisboa; AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA, D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques; URUGUAI, Moratorio & Cia., Constituyente 1746, Montevideo; Sucursal na ARGENTINA: "Inter-Prensa", Florida 229, Buenos Aires. Correspondente em Hollywood: Luiz Serrano. Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor.